

ANTOLOGIA

FAROL DAS LETRAS

Palavras que transcendem o horizonte



ORGANIZADORAS
ANDREIA MARQUES
MICHELLE CALADO

Panóplia

FAROL DAS LETRAS

Palavras que transcendem o horizonte

Organizadoras:
Andreia Marques
Michelle Calado

1^a edição
Editora Panóplia
Rio de Janeiro, 2025

© 2025 Editora Panóplia
www.editorapanoplia.com.br

Farol das Letras

Vários autores

Organização: Andreia Marques e Michelle Calado

Revisão: Dos próprios autores

Capa e Projeto Gráfico: Andreia Marques

Imagens: Pexels e Pixabay

1^a edição

ISBN 978-65-83987-07-5



Tipo de Licença:

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY- NC

Esta obra pode ser baixada e compartilhada desde que

o crédito seja atribuído à editora Panóplia.

Não pode ser alterada de nenhuma forma.

Não pode ser comercializada de nenhuma forma.

FAROL DAS LETRAS

Palavras que transcendem o horizonte

Organizadoras:
Andreia Marques
Michelle Calado

SUMÁRIO

Apresentação...	10
Adilson Murizini...	13
Alana Calado Franco...	15
Alessandra Carolina Ramírez...	23
Angel Henrique Gaudard...	25
Ângela Maria Saboia Rodrigues de Carvalho...	28
Betânia Malcher...	30
Camila da Hora...	32
Carlos Frederico...	34
Célia Nunes...	37
Dandara Nascimento...	40
Dayane Cristine Pissarra do Nascimento...	42
Denise Cruz Candido Miranda de Souza...	44
Denise de Lima Santos (Denilim)...	47
Ed Carlos Alves de Santana...	48
Eduardo Santos...	51
Eliane Cristina...	53
Elisa Terezinha Kasczeszen...	56
Eliz Vieira...	59

Fátima Valerio...	61
Gaby Broggio...	63
Gilson Salomão Pessôa...	65
Giovanna Barros...	69
Giovanna Salles...	72
Heloísa Ramos...	74
Henrique Cananosque Neto...	77
Irene Tôrres...	79
Ivanildo Caxias...	81
Joara Schran Gil ...	83
Jonadab Mansur...	85
José Olívio...	87
JR Bacci...	91
Jurandyr Rasquinho Filho...	95
Leandra Feraz Moreira...	108
Li Cordeiro...	110
Luciane Pires...	114
Luiz Eudes...	122
Luzz Souzza...	124
Magno Assis...	130
Marcelo do Rêgo Barros Lapenda...	133

Marcia Helena da Silva Mello...	142
Márcia Vales Ferreira...	146
Marcos Gonbáz...	151
Michelle Calado...	152
Mirtes Fonseca...	154
Mônica Macedo...	155
Nathália Santas...	157
Nelma Lima...	160
Ozileia Damacena Simão...	163
Patrícia Rodrigues Rocha...	166
Paula Costa Ferreira...	169
Paulo Henrique Godeso...	171
Paulo RT Borges...	173
Raquel Xavier da Rocha...	175
Rebeca Paschoal Nune...	178
Ricardo Coelho...	182
Ricardo Pegorini...	184
Rob Alme...	189
Rute Bragança...	192
Sandra Porciúncula...	196
Sandra Vivoni...	198

Saulo Henrique da Silva Machado...	200
Shirley Garrido...	203
Suzane Lindoso...	204
Tati Tuxa...	209
Thais Faustino Bezerra...	215
Thiago Ramos...	216
Organizadoras...	218

APRESENTAÇÃO

“Farol das Letras” é um encontro de almas, um ponto de convergência entre escritores de diferentes origens, idades, experiências e estilos. Reunidos sob a mesma luz, os autores aqui presentes deixam suas palavras ecoarem como ondas que alcançam portos distantes, guiadas por um farol simbólico que se encontra no horizonte da literatura.

Cada texto reunido nesta coletânea tem uma parte da vida de quem o escreveu. São histórias, poemas, reflexões e narrativas que, mesmo distintas em forma e voz, compartilham a mesma essência: a paixão pela palavra escrita. Ao folhear estas páginas, o leitor perceberá a força de um gesto coletivo, a soma de tantas vozes que, em uníssono, revelam a diversidade e a riqueza cultural do nosso país.

Esta obra não se limita a registrar estilos literários ou gêneros variados. Ela é, sobretudo, um retrato vivo do que significa escrever em

comunidade. Aqui, cada palavra se torna centelha e, juntas, elas formam uma chama capaz de atravessar gerações e geografias. É nessa união que a literatura cumpre seu papel maior que é ser abrigo, espelho e ponte entre pessoas que talvez nunca se encontrem pessoalmente, mas que se reconhecem na emoção de um verso ou no enredo de uma narrativa.

O farol, imagem que dá nome a esta antologia, não foi escolhido ao acaso. Ele representa a orientação e a esperança em meio à escuridão, lembrando-nos de que, mesmo em tempos desafiadores, sempre haverá luz enquanto houver histórias sendo contadas. Este livro é essa luz coletiva, construída a muitas mãos, que guia leitores e escritores na travessia infinita das palavras.

Ao abrir estas páginas, o leitor será convidado a rir, a se emocionar, a refletir e a sonhar. Será convidado a reconhecer-se nas vozes aqui reunidas, percebendo que cada história é também um reflexo da grande narrativa humana. “Farol das Letras” é,

assim, um testemunho vivo de que a literatura permanece como um dos maiores patrimônios de nossa humanidade, capaz de unir, inspirar e iluminar.

Que esta coletânea cumpra o seu destino: ser um farol que, aceso pela força da escrita, ilumina o presente e aponta caminhos para o futuro.

Com gratidão,

Andreia Marques

Organizadora



*Adilson Murizini
Cachoeiras de Macacu - RJ*

SE...

Ah!

SE lá fora

não estivesse chovendo,

eu mergulharia

nas águas daquele rio.

Me banharia em suas cachoeiras,

SE não fosse tão frio.

E SE da janela

minha mocidade visse passar,

mataria saudades no entardecer.

SE não fosse noite

e tão tarde,

pularia o muro
que nos cerca,
e em praça aberta,
SE lá você
também estivesse,
saltaríamos o grito
que liberta.

SE eu não estivesse
visitando os mesmos lugares,
sentindo os mesmos medos.

SE eu mudasse o endereço,
as retas e as voltas,
que o mundo propõe.

SE ficar não bastasse mais.

SE meu coração cansado,
decidisse novamente recomeçar.

Se...



*Alana Calado Franco
Angra dos Reis - RJ*

SOLIDÃO OU SOLITUDE?

A solidão é algo que incomoda. Principalmente, depois de mais de duas décadas de casada. Com o passar dos anos vamos nos acostumando com a casa cheia, filhos, amigos, risadas e, principalmente, companhia. De repente, o barulho de copos quebrando no chão, gargalhadas, música vai sendo substituído pelo silêncio. E quando você percebe está sozinha. A taça de vinho na mão, a televisão ao fundo e apenas sua própria companhia.

Os finais de semana que antes eram frenéticos agora se tornam silenciosos, tranquilos e solitários. Para a festa uma única convidada: eu mesma. Poderia voltar a sair, marcar com as amigas e curtir

as noitadas. Mas quando a maturidade chega estas coisas não parecem mais tão interessantes. Diversão é sinônimo de paz, casa limpa e uma bebida para relaxar. E, se não for pedir demais um homem educado, que respeite e tenha um bom papo para fazerem companhia um para o outro. O ser humano tem esta característica social: salvo exceções gostam e tem necessidade de estar com alguém. Somos essencialmente gregários e essa característica é fundamental para nossa sobrevivência e desenvolvimento tanto físico quanto emocional. O isolamento social pode afetar diretamente a saúde mental dos indivíduos levando-os ao adoecimento.

Assim, é natural que nós mulheres, divorciadas, solteiras e livres estejamos dispostas a conhecer outras pessoas e, quem sabe até mesmo redescobrir o amor ou vivenciar pela primeira vez esta experiência de amar e ser amada porque nem sempre isso foi possível para todas as mulheres.

Viver numa sociedade machista e patriarcal faz com que muitas vezes as relações amorosas sejam marcadas por abusos e poder, uma marca da nossa sociedade. A luta pela igualdade de gênero conquistou para mulheres da minha geração uma ascensão social jamais vista nas gerações anteriores. Acessamos a universidade, conquistamos espaços no mercado de trabalho, construímos uma carreira profissional sólida e bem-sucedida fruto da nossa competência e dedicação. Com isso conquistamos a nossa independência financeira e independência emocional depois de muita terapia. Afinal é impossível nascer e crescer nesta sociedade castradora sem ter traumas e feridas emocionais que precisam ser curadas.

Ao transgredirmos o que estava posto socialmente para nós, hoje dona de nossas vidas e com os filhos criados, queremos vivenciar nossa liberdade que foi conquistada com muito suor e sacrifício. E, para muitas de nós, a busca por um

companheiro de vida é um objetivo em comum, justo e merecido. Depois de vivenciarmos um casamento opressor e abusivo ao conseguirmos nos libertar o que apenas buscamos é respeito, carinho, um pouco de sexo, intimidade, troca e conexão.

Com o advento da internet e das redes sociais paquerar tornou-se mais cômodo, basta um clique e o aplicativo abre um leque de opções, homens e mulheres buscando um relacionamento. Os aplicativos têm muita oferta mas é necessário garimpar para encontrar o que está procurando.

Tomadas as medidas necessárias de segurança iniciei a busca por alguém, assim como eu, interessante, desimpedido e que queria apenas dividir algumas noites e ser feliz. E quem sabe, com muita sorte, encontrar um homem com afinidade para mais do que as noites dividir também os dias, a vida e construir uma parceria e companheirismo por

que a jornada da vida é longa e, às vezes, a solidão aperta o peito.

Conhecer pessoas no aplicativo de paquera pode ser uma experiência interessante, pois é um mundo de possibilidades que se abre. O primeiro pretendente que conheci era mais jovem que eu, atencioso e educado. Depois de um tempo batendo papo resolvemos nos conhecer pessoalmente. No encontro marcado, a noite foi tranquila e sem grandes sobressaltos. Iniciamos um namoro, passeios, diversão e sexo. Conforme fomos nos conhecendo vieram as questões práticas de um relacionamento. Ele era 3 anos mais jovem do que eu mas ainda não tinha estabilidade financeira e profissão definida. Nunca namorei homens mais jovens, pude perceber o quanto são imaturos para enfrentar as questões da vida. Sentindo-me mãe dele perdi o interesse sexual, a relação esfriou e chegou ao fim. O fato de eu sempre ter que pagar as contas sozinhas quando

saímos pesou consideravelmente na minha decisão.
Não estava procurando um filho!

Virando a página fui conhecer um novo pretendente. Este já tinha a mesma idade do que eu tinha, 42 anos. Mesmo padrão de relacionamento, conversa pelo aplicativo, troca de telefone, muito bate papo e, finalmente, o grande dia. Marcamos num restaurante no centro. Pontual e educada que sou cheguei no horário e tive que esperar ele chegar. Tomei um chopp enquanto aguardava. Enfim, ele chegou. Fez um comentário machista sobre eu beber antes dele chegar. Eu devolvi a gentileza lembrando que eu já estava esperando quase meia hora. Constrangido deu uma desculpa qualquer. Conversa vai e vem ele me contou que estava no 8º período do curso de medicina. Era formado em Educação Física, deu aula durante um tempo, não se identificou, foi trabalhar em outras áreas e resolveu fazer medicina. Contava com o apoio da mãe para custear o sonho. Ainda não havia se casado e nem tinha filhos porque

estava querendo construir uma carreira primeiro e só depois formar uma família. Eu fiquei ouvindo a história de vida dele e pensando na minha. Ambos éramos de 1980, mas eu por ser mulher, pobre e negra não tive a mesma oportunidade que ele de poder, aos 42 anos, dedicar-me exclusivamente aos estudos. Sempre tive que trabalhar para me sustentar, casei jovem devido a pressão social para que mulheres casassem cedo, fiz faculdade trabalhando e cuidando de família e filha. Tínhamos a mesma idade, porém experiências totalmente distintas atravessadas pelo lugar que ocupamos na sociedade de acordo com nosso sexo, raça e classe social. Ele era homem, branco e privilegiado. A noite terminou como começou: com dois estranhos. Éramos de mundos diferentes, impossível nos conectar. Nos despedimos e fomos embora em silêncio. Eu reflexiva, pensando que mundo desigual que nós mulheres vivemos!

As experiências de paquera tem me ensinado

que o mundo é muito diverso. A gente encontra de tudo. Mas o mais importante que tenho aprendido é que posso conhecer com calma, sem expectativas, *que seja eterno enquanto dure* como nos ensina o poeta. Mesmo que dure apenas uma noite. Porque no dia seguinte eu tenho uma companhia que conheci a pouco tempo *e estou adorando*: eu mesma. Este encontro/reencontro me permitiu me amar em vez de esperar ser amada, me levar para passear, viajar e me cuidar. Aprendi a me ouvir. Hoje a solidão foi substituída pela solidão. Não que desisti de encontrar alguém, mas a diferença é que hoje não estou mais sozinha e amo minha nova companhia. E sobre a pergunta inicial do texto solidão ou solidão? Você é quem decide!



*Alessandra Carolina Ramírez
Brasília - DF*

DESPEDIDA

Que vá por caminhos doces,
E desvie do caos tempestuoso.
Que minha voz te acompanhe os sentidos,
como o sol que aquece teu caminho.

E que retornes ao meu ninho,
salvo, límpido,
Ao acalento dos meus braços
que te aguardam ansiosamente.

Que o vento leve meus beijos à tua lembrança,
e meus lábios toquem tua pele, mesmo longe,
como o brilho cálido das manhãs de inverno,
ou o aroma de café que inebria os pensamentos.

Que as estrelas te brilhem como um mapa,
e nelas tu vejas meu sorriso a te guiar,
como um suspiro leve de noites insônes,
admirando o mesmo ponto no horizonte, em algum
outro lugar.



*Angel Henrique Gaudard
Rio de Janeiro - RJ*

AMOR DE SUPER HOMEM

Ei!

É verdade que você nunca conheceu o amor de um homem?

E que isso te causa dor na alma e frustração?
Consumindo de tristeza o seu coração?

Não precisa se desesperançar e mais esperar
Um alguém para te amar

Eu sou o seu herói!

Cheguei para cuidar de ti
e lhe proteger

Só um Super Homem consegue te enxergar,
encontrar e então lhe dizer:

“Nunca esqueça que dentro de você existe um anjo, e dentro de mim existe você! ”

Vou te pegar no colo e sair andando pela rua, agasalhar com o meu calor, a sua alma nua

Onde eu estiver em sua companhia, vou acariciar as suas orelhas, cafunés fazer em sua cabeça e te dar muita alegria

Te paquerar com os olhos e cantar uma canção

Dar voz ao meu coração e melodia a minha paixão

Vou beijar a sua mão, te jogar no chão

E fazer de conta que estou brincando de te prender

É a maneira que encontrei, de satisfazer o meu acumulado prazer

Em seu pescoço, darei beijinhos com ternura e carinho

Como dois passarinhos que encontraram o seu ninho

Em minha mente, vou fotografar o seu sorriso e

Levar junto comigo

E quando a saudade bater

e eu não puder estar perto

Vou mandar uma mensagem, dizendo que te amo
Te provando, que a distância não consome
O amor que sinto por você
Um Amor de Super Homem.



*Ângela Maria Saboia Rodrigues de Carvalho
Brasília - DF*

A VIDA

A vida é uma dádiva concedida pelo Criador.

A vida é como um rio que segue seu percurso às vezes represadas por tribulações, dificuldades, desamores e dor.

A vida é como o mar, várias ondas, grandes e pequenas, mas sempre com sua beleza...

A vida é como o vento, frio, gelado, forte, fraco, mas com seu charme de inverno...

A vida é como adolescente, cheia de sonhos, dúvidas e inquietações...

A vida é como um idoso, cheia de experiências, frustrações e um toque de dever cumprido...

A vida é uma estrada, perfeita.

A vida é uma estrada, imperfeita.

A vida é como uma esquina que desmembra um novo caminho.

A vida é como estrelas, cintilantes a brilhar.

A vida é como o sol, o brilho de um novo dia.

A vida é como a chuva, precisa e necessária.

A vida é um coração que pulsa.

A vida é um coração que sangra.

A vida é um caminho com voltas.

A vida é um caminho sem voltas.

A vida é bela.

E nós podemos enfeitar ela...



*Betânia Malcher
Rio de Janeiro - RJ*

FLORESCER DE MIM

Um convite para ser a minha melhor versão.
Um passeio por lugares nunca antes visitados.
Caminhos novos – porém conhecidos.
Grandes portais.
Me identifico, me reconheço.
Estou em casa.

A música agora ressoa suave.
Todas as nuances e notas são percebidas.
Faço parte.
Ouço o que minha alma pede –
ou talvez implore, suplique.

Minha melhor versão tem cores —
e, às vezes, transparências.

Torna-se invisível.

Na bagagem, somente o essencial.

Velhos pesos ficam para trás.

Minha melhor versão tem pressa.

Precisa voar.

É preciso estar leve —
como o sopro suave da brisa da manhã.

Minha melhor versão tem aromas frescos,
poema sutil de quem experimenta.

A cada inspiração, algo novo acontece.

Novas sementes são plantadas.

E brotam, e crescem, e se expandem.

Tomam lugar.

Minha melhor versão — agora —
se identifica, se reconhece.

Está em casa.



*Camila da Hora
Salvador - BA*

O VALOR DE UM SONHO

Um sonho, ninguém consegue entender,
Mas só sabe se aprofundar
Quem deseja mesmo viver.

Para muitos parece bobeira,
Ou algo tão normal.
Só se sabe o valor,
Ou o quanto ele custa,
Quem espera até o final.

Muitos já não têm sonhos,
Pelas dificuldades, os deixaram morrer.

Os meus, vou conquistando,
Enquanto aqui viver.

Pra você, eu deixo uma mensagem,
E também uma motivação:
Nenhum sonho é impossível,
Enquanto bater o coração.



*Carlos Frederico
Rio de Janeiro - RJ*

A NOSSA ESPERANÇA

Esperança na mera lembrança da infância, na qual o futuro parece ser bem longe, em um tempo do nunca existir, no imaginário infantil. Esperança em cada ato de bondade, em cada frase de sabedoria da vida que deve ser aquela da prática do bem entre as pessoas, em diferentes lugares do planeta. Esperança naquilo que projetamos em nossas vidas, apesar dos obstáculos existentes para verificar a nossa vontade. Traduzida em persistência num amanhã melhor para todos os povos, em cada continente. Esperança simbolizada pela cor verde e tão lembrada ao final de cada ano, dentre as diversas ideias a serem realizadas, ao longo do ano seguinte.

Por vezes sonhos tornam-se realidade tempos

depois, como fruto da bendita esperança em dias melhores. Em outras ocasiões a realização depende do merecimento de cada pessoa e assim o destino cumpre-se ou colhe-se o fruto de um período de plantio. Por outra via temos que o planejamento resulta em bons momentos vividos futuramente. Esperança na trança da criança que brinca sem preocupações. Esperança no casal de namoradinhos (os pombinhos do amor).

Esperança naquele adulto que diariamente enfrenta vento, chuva, sol e calor para o sustento da sua família, nas grandes cidades. Esperança no lavrador que semeia e cuida da terra, na sua lavra diária para alimentar toda a população, em cada nova e bela safra. Esperança na velhice dos casos e contos narrados na tradição oral e depois relatados em livros, blogs e sites para a posteridade. Esperança que jamais é vã, quando há fé e amor, no coração.

Esperança na realização de cada sonho juvenil, adulto e da melhor idade (Terceira Idade), na qual a

experiência e a experiência de vida ocorrem em abundância. Os verdadeiros sábios da esperança.



*Célia Nunes
Santa Cruz - RJ*

O PODER DA PALAVRA

Palavras não são apenas palavras.

Elas deixam marcas

Mudam o mundo

Mudam as pessoas.

Por isso, escrevo!

Escrevo o que penso

O que dói

Tudo vira poesia

Mudando o que corrói.

Ponho as palavras no papel

Como um espírito que grita em silêncio

É a minha forma de escrever.

Todo dia aprendo a expressar

O que a minha alma pensa em calar
Daí vem a minha cura
Ver que a minha escrita
Não são meras palavras
Não são palavras que o vento leva
É a minha história em forma de poema
É o meu eu emergindo
Alcançando pessoas
Que choram e entendem
O poder da palavra.
As palavras dançam e vibram
Significam e despertam
Cativam e florescem.
São pedaços de tudo
Que compõe a vida
São raios de sol
Que se espalham pelo mundo.
As palavras incendeiam
Transformam e informam
Ressoam e ferem

Brilham como farol.
Cuidado com as palavras
É preciso ter
Sejam faladas ou escritas
Na vida ou na morte
Elas têm poder!



*Dandara Nascimento
Duque de Caxias - RJ*

SOBRE BIPOLARIDADE...

Mais um dia amanhecendo em cinzas, ontem tudo queimava. Anteontem tudo brilhava.

Amarelo, vermelho, laranja.

As chamas dançavam no meu ritmo e eu rodopiava ao seu redor.

O fogo sempre me atraia, me enfeitiçava.

Ele me chamava, eu me aproximava, eu me queimava.

Como um ímã fui puxada e rapidamente incinerada.

Não, eu não morri.

O fogo e eu estamos interligados.

Eu dou ritmo às suas chamas e ele me aquece.

Simbióticos.

Como uma maldita fênix amaldiçoada: eu renasço.

Dói.

Dói as cinzas, dói o fogo, dói morrer, dói renascer.

Apenas dói.

E viver?

Maldições não vivem, apenas ecoam.



*Dayane Cristine Pissarra do Nascimento
Rio de Janeiro - RJ*

TEMPESTADE

Em brisa e frescor após um dia ensolarado a tempestade vem sorrateira e finda meu sorriso.

Eu vacilei, não obstante, levantei com garra buscando a direção dentro da confusão.

Tudo parece não ter fim...

Olho para o alto e não vejo as estrelas para me guiar.

Tenho que olhar dentro de mim.

Em uma busca sem fim no meio dessa escuridão fria.

Trovões, raios e ventos fortes confundem a minha mente.

Mesmo cansada não desisto de me encontrar.

Voraz sem nuances de fulgor o vislumbre de pensamentos ordenados são um chiste a tanto vento.

Mas não importa estou de pé.
Quase impassível, ouso dizer.
Tempestade parte de mim...
Vou conhecendo cada parte dessa imensidão em
fúria.
E novamente chegar ao dia ensolarado.



*Denise Cruz Cândido Miranda de Souza
Nilópolis - RJ*

ATREVIMENTO

Atrevimento se cria!
Criei o meu na coletividade
Atrevimento de ser vista
De assumir minha identidade
Escrita é atrevimento
E atrevimento é liberdade!

Liberdade de ser quem sou
Do meu cabelo à minha cor
Liberdade de escolher
Onde quero estar e aonde vou!
O que foi? “Se assustou?”
Calma, vamos conversar.

Por que meu atrevimento te alige?
Já parou para pensar?

"Cada coisa em seu lugar!"
E quem foi que parou para arrumar?
Quem foi que disse
onde tenho que me plantar?

A escolha é minha
EU me atrevo a decidir
o que quero,
o que eu vou me permitir!

E eu permito o meu Blec,
Meu brinco,
Meu colorido
Eu me permito dizer:
eu existo!
Eu me permito definir quem eu sou, me autodeclarar
Eu me permito divulgar
o afroamor e o afroamar!

Se antes eu era sozinha,
agora achei companhia!

Se antes eu era medo,
silêncio em mudo lamento,

Agora sou palavra solta,

Sou coragem,

Sou do coletivo parte,

Sou

ATREVIMENTO!



Denise de Lima Santos (Denilim)

Rio de Janeiro - RJ

DIVAS QUE AMO (ACRÓSTICO)

Donas dos próprios caminhos
Independentes ou irreverentes
Vidas que se ocupam de auxiliar outras vidas
Amantes das viagens e das boas companhias
São mulheres amorosas, modernas e valorosas
Que vão se reinventando a cada dia
Únicas nas expressões dos afetos
Especiais na convivência
Admiro-as como profissionais
Muito mais ainda pela essência.
O tempo é o chão da nossa caminhada, amizade
afortunada!



*Ed Carlos Alves de Santana
Alagoinhas - BA*

O GRANDE ESCULTOR DE ALAGOINHAS

Vi o escultor Ronaldo Santos Barros (Dededo) (1969)
Talhando obras de artes entusiasmando-se,
Qual arqueólogo que escava cuidadosamente
Raro, rico e antigo tesouro arqueológico sob seus pés.

Vi a gestação, o desenvolvimento e o parto
Das obras escultóricas deste ilustre artista plástico
Autodidata de Alagoinhas-Bahia.
Para este Mestre-Escultor nesta gestação
Nascem milhares de filhos únicos originais,
Partes de si na condição estética de pertencentes ao
mundo.

Ronaldo Dededo com seu formão, cinzel e martelo
na mão

Subtrai ou amalgama matéria no corpo da madeira,
Age como se a quebrar amarras, grilhões e muralhas
Para libertar uma peça de arte presente primeiro em
sua mente

E depois nos interstícios da fibra da matéria vegetal.

O Artista-escultor Ronaldo Dededo com brilho no
olhar

Conhecimentos ancestrais nas mãos,
E muita sabedoria no coração,
Traz ao mundo nova peça de arte de rara beleza
e arrojado design milenar.

São extraídos de sua fatura plástica os altos e baixos-relevos, as miniaturas, os objetos artísticos, os protótipos, os projetos, e os riscos de sonhos.

Esculturas maiores de Ronaldo Dededo expostas
povoam seu ateliê
E as mentes de quem as contemplam.

Sua estética é original

Sua poética inovadora é única e sua criatividade é além

Assim Ronaldo Dededo em seu ateliê cria universos escultóricos da arte

Por meio de acasos criadores, meditação e apurada invenção plástica.



*Eduardo Santos
Estância - SE*

QUANDO O CAOS DANÇA

Contraste de cores
Conexão pelas dores
Simetria imperfeita
Confusão nunca aceita.

Caos entrelaçado em harmonia
Quando o toque consente
Transpor o limite presente
E ser mais que qualquer magia.

Quando o caos dança
Com seus movimentos disformes
A razão se desespera
E até a coragem se apavora

Pois tal qual a força da natureza
Fúria mistura-se a beleza.



*Eliane Cristina
Rio de Janeiro - RJ*

A LEVEZA DA IMENSIDÃO

Hoje não fiz a cama. Não tirei a roupa do varal. Não guardei a louça lavada e nem lavei a que deixaram na pia. Não peguei no chão as almofadas caídas. Deixei as cortinas fechadas e a casa na penumbra.

Hoje não queria fazer coisas cotidianas que estão sempre repetindo a mesma coreografia da mesmice.

Hoje sou toda a atenção para cada canto da casa, cuidadosamente pensado para ser aconchego. Pouca mobília e muitas plantas para florir e perfumar todo o ambiente.

Hoje me vesti de princesa, soltei os cabelos que chegavam aos ombros e murmurei uma música baixinho, dançando suavemente no silêncio absoluto que não oprimia, acolhia.

Hoje não queria mais dormir. Despertei para, finalmente me libertar e sorrir.

Hoje não era um dia como os outros. Não sei por quê. Mas sinto assim. Nada é o que parece, embora tudo pareça estar da mesma forma. Meu olhar transcendeu o ordinário para se ocupar de outras visões.

Hoje sem sobressaltos, sei de todos e não sei de ninguém. Quero estar comigo, recordar minha história e respirar devagar e profundamente.

Hoje passo pelo meu quarto e vejo que alguém dorme na cama que não fiz. Olho para ver quem é. Me assusto! Lá estou eu! Mas se estou lá dormindo e estou aqui acordada, quem sou eu? Aquela que

dorme? Será que dorme?

Hoje não quero respostas, quero essa paz que me invade, esse perfume das flores que plantei. Penso, olho sem ter a menor ideia do que está acontecendo. Estou bem assim.

Hoje não quero conversas. Barulho agora. Casa movimentada. Onde estariam todas essas pessoas que não vi? Me chamam, me sacodem o corpo. Observo. Todos apavorados, choram e gritam. Me pedem para não ir. Mas não quero voltar para aquela que dorme. Me afasto, abro a porta da rua sem fazer alarde e livre, vejo a luz do farol brilhar e ganho a imensidão.



*Elisa Terezinha Kasczeszen
Jaraguá do Sul - SC*

AIA E EU!

Por muito, muito tempo passei sem sequer imaginar, perceber ou saber da sua existência. Mesmo tendo conhecimento evidente da essência da “Criança” que fui. Ironia? Ignorância? Não sei, mas no fundo isso é a ausência de consciência. Do autocuidado, da atenção plena com o amor próprio.

É, pois então. Antes de ser adulta, fui jovem, adolescente, criança. Sim. E antes da criança, um bebê. Verdade. E bem, bem antes, já existia no coração da Providência Divina.

Tomar consciência que existe para sempre a criança viva dentro do eu adulto é muito surreal. Mas é a

mais pura, simples e singela verdade certa e assertiva da vida toda.

A pessoa de surpresa, se dá conta. Sente tudo e até vergonha misturada com orgulho do fato. Cá fora e lá dentro contempla-se a cena. Do tipo. Olhos nos olhos petrificados vivos vibrantes luminosos. Essa sou eu?! Eu sou essa!?

Cenário digno de observações: Do abandono. Do perdido e do encontro de mim. Da posição off da própria existência permite-se a conexão espontânea e instantânea.

A preciosa infância chamada criança se levanta vívida em plenitude e força com vontade do tamanho do mundo inteiro. Abre-se um céu, um firmamento, uma constelação, uma unicidade de felicidade. Onde quer que esteja, nada importa, pois o aroma do céu está no ar, na terra, ao derredor e toma conta de todo meu ser. É quando me permito estar presente na presença, aqui e agora. O presente

como o presente mais lindos de todos.

Agora juntas contemplam fortalecidas pela mãe vida que as abraça como colo de mãe.

São tantas coisas juntas para apreciar, recordar, vivenciar, amar sem medidas. Posso fazer tudo isso. Eu consigo. Estou aberta para o fluxo abundante que jorra perenemente da fonte vida. A criança tem lugar, tempo, pertencimento. Um lugar de pertença finita da vida e de predileção infinita no coração. Dedico real e total completude no espaço ilimitado da alma.



*Eliz Vieira
Duque de Caxias - RJ*

RAIZES DO AMOR

Para Mário e Acácia

No jardim da vida, Deus plantou duas flores,
Mário, forte tronco, guardião de valores,
Acácia, perfume que espalha ternura,
Juntos teceram uma história tão pura.

Do amor que brotou entre riso e esperança,
Nasceram os frutos – herança e aliança,
Nove estrelas no céu da família acesa,
Nove bêncões que brilham com toda firmeza.

Cada filho, um verso, um sonho que anda,
Com olhos que espelham a luz da varanda.
Foram noites cansadas, manhãs de canção,
Abraços que curam, silêncio e oração.

Mário, alicerce, firme como rocha,
Com mãos calejadas que o tempo enxerga e anota.
Acácia, ternura que em tudo floresce,
Com sorriso que acolhe, afago que aquece.

São anos de vida, são laços, são lares,
São domingos cheios, são contos e mares.
Família tão linda, presente do céu,
Que escreve no tempo seu próprio cordel.

E hoje celebramos com rima e louvor,
Este amor fecundo, fiel e maior.
Que os dias futuros sejam sempre assim:
Cheios de graça, de amor... sem fim.



*Fátima Valério
Barras - PI*

ROMANCE DE OUTONO

Tarde elísia, dourada, a cintilar,
Dois corações se encontram, sem demora,
No Giras Sol, começam a sonhar,
Enquanto o amor, sutil, já se aflora.

Nos olhos, luz que insiste em se encontrar,
No rosto, o rubor que o desejo decora,
No silêncio, a paixão vem sussurrar,
E um doce enlace o destino agora ancora.

Sem voz, juramos nosso eterno amar,
Flechas de um cupido vêm selar,
O laço forte que ali se construía.

E aquele outono vivo a recordar,
O meu amor persiste a caminhar,
Sereno, altivo, em pura sinfonia.



Gaby Broggio
São Carlos - SP

ORDEM DE DESPEJO

Hoje te enviei uma ordem de despejo
Não por você ser um inquilino ruim
Aliás, no começo você era ótimo
Pintou as paredes desbotadas
Trocou as lâmpadas
E consertou coisas que sequer havia quebrado.

Queria que você tivesse mantido todo esse cuidado
Porém você acabou por deixar tudo abandonado
Quando cheguei o vidro da janela estava
despedaçado
Havia cacos por todo lado
E o carpete estava manchado

Manchas de sangue
Do meu coração que havia sangrado.

Por isso te envio essa ordem de despejo
Não para que se sinta culpado
Afinal, sei que você também foi afetado
Mas o que você dizia sentir não passava de ilusão
Por isso te expulso do meu coração
Não por não te amar
Mas sim pela necessidade
De amar a mim mesma.



*Gilson Salomão Pessôa
Juiz de Fora - MG*

EU E MIM MESMO

Me sinto vazio, estranho, desanimado, impotente desgastado. Um turista no meu próprio país. Parece que a simples prática da escrita para mim perdeu o sentido, seu objetivo, sua forma. É um caminhar sem rumo, deixando-se boiar na correnteza porque bateu o cansaço de nadar contra a mesma. Isso acontece comigo ocasionalmente.

Sou uma balsa à deriva em mar aberto, carente de bússola ou até mesmo um mapa. Já comprehendi que sou um ponto fora da curva, um espectro entre os vivos, a exceção da regra. O torto em meio à linhas retas que tentou por muito tempo a sensação confortável de se perder no anonimato do dito

“senso comum”. Ser apenas mais um na multidão, sem o desejo de ser original ou único. Um disco de vinil preso na mesma rotação e música, ansioso para encontrar uma melodia dessemelhante.

A cartilha de comportamento social já está pronta, basta seguir: carteira de motorista, emprego, casamento, filhos e etc. Basta trilhar esse caminho e os riscos são mínimos. Muitos o seguem sem hesitar pois não há um motivo para se esquivar dele. É seguro, fácil, cômodo.

Existem até mesmo aqueles que pensam estar fugindo deste padrão, mas acabam confinados no mesmo, pois caminhar de maneira verdadeiramente alternativa é arriscado e cansativo, especialmente no que tange ao emocional. É algo inerente à sua própria natureza, impossível de escapar.

Não entendo nem consigo controlar a forma como as pessoas me percebem ou interagem comigo. Creio que cada um me lê de uma forma específica,

conectada à sua respectiva história de vida. Confesso que eu também não facilito. Cresci sozinho, com poucos amigos e sem relacionamentos amorosos. Por muito tempo depositei a esperança de resolução da maioria dos meus conflitos quando por fim encontrasse a minha outra metade. Aí tudo faria sentido e se resolveria.

Foi ingenuidade minha, entendo isso agora, porque a Literatura e especialmente o cinema me inspiraram a pensar assim. Dessa forma, as garotas que elegia em minha mente assumiam sem saber uma responsabilidade enorme.

Muita coisa que somente fui perceber mais tarde é que haviam outros problemas estruturais muito mais importantes na minha consciência para serem resolvidos, como inseguranças e uma séria dificuldade em me permitir receber afeto. Meu corpo por muito tempo rejeitou inconscientemente qualquer forma de carinho, até mesmo um abraço,

porque eu não achava que merecia. Me sentia asqueroso, repulsivo, esquisito. Acredito que essa foi a razão que me levou a perseguir inconscientemente amores distantes, impossíveis, platônicos.

Já dizia Caetano Veloso que “Narciso acha feio o que não é espelho” e isso meio que explica essa espécie de redoma imaginária que se formou ao meu redor, impedindo que eu reaja de acordo com as expectativas das pessoas ao meu redor.

Cresci lendo e criando histórias, gerando universos alternativos em meio a uma realidade que para mim se tornou rasa e carente. Dentro de todo esse contexto torna-se extremamente difícil encontrar ou criar conexões realmente significativas.

Meu espírito vive uma eterna busca de transcender o mero pragmatismo da rotina, explodindo em variáveis absurdas e imprevisíveis.



Giovanna Barros
Fortaleza - CE

A MENINA TRANSPARENTE

Uma estrela fugaz atravessa o céu marcando o início de um novo dia. Marcos está em casa, sozinho, de férias, pensando em uma garota que acabou de conhecer. Ela é alta, magra, de pele incrivelmente branca e cabelos negros.

Ele está entediado. Já tentou de tudo: televisão, livros, nada prende sua atenção. Resolve, então, dar uma volta pelo jardim do condomínio.

Chegando lá, algo chama a sua atenção - na sombra (na copa) de uma árvore há um nariz cortado (no início pensava que fosse uma maçã, mas ao tentar pegá-la, que surpresa!).

Assustado, começa a correr pela vizinhança, quando, de repente, vislumbra a menina de quem gosta, mas há algo de errado com ela, sai sangue pelo seu nariz.

Certo de que era sua chance de falar com ela (ajudá-la), ele se aproxima. Porém, ao chegar perto, ele vê apenas um morcego voando.

Marcos não acreditava no que seus olhos viam. Seria ela uma vampira? Ou algo havia acontecido com ela?

Desesperado, ávido por descobrir alguma coisa, alguma pista, corre para a biblioteca da escola, mas lá não havia o tipo de livro que ele procurava.

Decide, então, ir até uma pequena livraria esotérica perto dali. Pega um livro sobre vampiros que dizia que vampiros tinham a pele branca, cabelos negros e se transformavam em morcegos quando algo os ameaçava. Nem todos sugam sangue humano, alguns se alimentavam de pequenos animais.

— E agora — pensou — estou apaixonado por uma

vampira! Talvez ela não queira meu sangue.

Pensando em como conquistá-la sem ser mordido, resolveu usar perfume, para atraí-la e disfarçar o cheiro de sangue.

Já era noite quando chegou na esquina de casa. Lá estava ela, bela e esvoaçante. Chegou perto e algo inesperado aconteceu: beijaram-se e ficaram juntos pelo tempo que tinham.

No outro dia, ao acordar, percebeu que tudo não passará de um sonho (será?) e se arrumou para voltar ao colégio, pois as férias acabaram.

Ao chegar lá, o professor apresenta uma nova aluna, Miranda, alva como a lua e cabelos negros como a noite.



*Giovanna Salles
Porto Alegre - RS*

UMA CARTA NÃO ENTREGUE

Te escrevo agora com o coração quebrado em mil partes,
estraçalhado por ter tomado tal decisão.
Mas eu precisava disso.
Precisava me afastar,
pra não doer mais em mim.
Pra cessar essa dor que eu sentia
de te querer,
e no fim,
receber só a tua amizade.
Escolhi me afastar.
Com o coração em ruínas,

te desejo o melhor.

Você me deu conselhos bons,
e eu agradeço.

Gratidão por tudo.

Saiba que, se quiser recomeçar,
daqui a um tempo,
nossa amizade...
podemos.

Só não quero que esqueça de mim.
E do quanto foi bom
te ter na minha vida.

Isso não é um ponto final.
É só um silêncio necessário.



*Heloísa Ramos
Joaquim Felício - MG*

MAR CASTANHO

O passado resolveu bater em minha porta
Sem saber quem era, abri
Levei um susto ao ver seu rosto
Jamais imaginaria esse reencontro
Segurei firme na maçaneta, tentando reequilibrar o
corpo
Um soco no estômago
Perdi o controle do ar que entrava em meus pulmões

Novamente dois corações
Batendo acelerados
Ansiando por uma oportunidade
Convido-te para entrar

Na verdade, você sempre morou nessa casa
Nas recordações delirantes
Nas fotografias gastas
Nas músicas românticas
Olho admirada o seu sorriso, elevo minha sede para
o olhar
Tão único, tão especial
Carregado de desejo
O mar infinito que é o castanho dos seus olhos
Sempre aumentou a inquietude do meu peito
Será que é uma nova chance para aprender a nadar?

Para mergulhar nessas águas do amor
Estamos sentados no sofá
É palpável o nervosismo no ar
Faço menção de falar sobre o clima
Quero quebrar o gelo, já basta o que envolve meu
coração
Porém você se aproxima
Coloca a mãos nas minhas

E revira o baú do tempo
Lá no fundo, buscando o que poderíamos ter sido
Traz a tona uma tempestade de sentimentos
Sou chacoalhada por dentro
Flashbacks
Oportunidades desperdiçadas
Sempre teve algo a mais
Uma cor colorindo nossa amizade
éramos jovens para entender
Mas hoje aqui estamos
Encarando as mãos um do outro
Esperando uma iniciativa
É o reencontro que tanto precisávamos
O destino escrevendo um novo capítulo na nossa
história
Agora cabe a nós darmos os próximos passos
Começar
Trilhar essa estrada
De peito aberto
E mãos dadas



*Henrique Cananósque Neto
Lins - SP*

POEMA PARA UM GRANDE AMIGO GUITARRISTA

Sempre esteve em nosso repertório
Entre tantas, “Um dia especial”
Algo assim - efervescente, sublimatório
Ideias de conquistas, canções de amor, cantigas de
Natal

A vida passa feito um pássaro
Voa, voa pelo céu afora
Instigante, intensa, um desejo bárbaro
De rir, sair, partir, ir embora

Liberdade talvez somente um sonho
Compor, cantar sem alguma amarra
Apesar do fim, limite tristonho
Vamos empunhar e tocar guitarra

Pois não foram poucas as nossas lutas
E eu bem sei que esforços, tu não medes
Que nossas histórias estejam sempre, Lucas
Em nossas canções, amigo, Lucas Guedes



*Irene Torres
Caruaru -PE*

ARRUMANDO A CASA

A casa estava empoeirada,
Na penumbra,
Quase assustadora.
ELA chegou, olhou com calma,
Cautelosa e amorosa
Então começou a limpeza.
ELA abriu as janelas
E a luz ali se fez
Deixando visível
As verdades do lugar.
ELA pegou uma vassoura
E, afetuosamente,
Varreu cada cômodo.
Tirou o pó, o que não servia

Deixou à mostra a beleza
Que ali já existia.
Apenas se escondia.
ELA espanou cada canto,
Explorou cada recanto.
Por vezes, gerou o pranto.
ELA trocou a roupa de cama,
De mesa e de banho.
Trouxe flores e alertou:
— Não se iluda, os espinhos existem!
ELA arrumou o desarrumado
Descortinou o escondido
Ampliou a luz
E a visão.
ELA avisou:
— Tudo já estava aí.
Cuide. Acolha.
Ame. Siga.
ELA mudou a perspectiva.
ELA...
A terapia.



*Ivanildo Caxias
Viseu - PA*

ATOS E FATOS

Águas relaxante de um rio caudaloso,
Cachoeiras íngreme que deslizam entre rochas,
Águas correntes que “lavam” minha alma,
Um banho, uma brisa, ah que beleza!

Os calos nas mãos após uma difícil jornada,
O canto estridente dos pássaros pelo ar.
Uma luz que clareia o triste caminhar.
As coisas mais simples que na terra há.
Um farol que direciona o navio em alto mar,
Palavras que “saciam” a imaginação do autor,
As ovelhas pastoreadas pelo bom pastor.

Fatos e atos fazem a gente pensar,
Que além do universo tem alguém a observar,
Da vida ou da morte, estar sempre a cuidar,
Nesse “sopro divino”, como é bom vivo estar,
Na luta da vida, é viver com amor,
Findo aqui, agradecendo a Jesus, o senhor.



*Joara Schran Gil
Pindamonhangaba - SP*

O MAR E A ESTRELA

A mão toca a estrela do mar,
Céu de areia em águas salgadas.
Em águas tranquilas, o sol desenha as estrelas,
Refletindo as luzes douradas, impressas no fundo do
mar.
Extasiada contemplo o céu azul, o sol, e o movimento
do mar,
Que desenha na areia as formas,
As cores e a luz do sol como pérolas a flutuar...
A mão toca a estrela,
Sente sua fragilidade e a beleza encanta...
A mão humana persiste em aprisioná-la, em seus
dedos.
O tato pede delicadeza e cuidado para deixá-la seguir...

O caminhar da estrela do mar.

Encontra-se com o andar de um homem qualquer...

Um encontro casual em águas tranquilas.

Imenso mar, em que as ondas quebram na areia da praia.

A mão devolve a estrela para o céu de areia.

Surgem gotas transparentes...

Que deslizam sob o efeito dos raios do sol.

O ser humano sente-se grato, privilegiado, envaidecido,

Por tocar uma estrela que passeava tranquila à beira mar.

A estrela mostra-se ao caminhante,

Em uma interação que exige cuidado.

Estou aqui nas areias do mar...

Sob a luz do sol...

A te esperar!



Jonadab Mansur

Recife - PE

O MEU EXÍLIO

à Noemi Mansur

a Jacob Mansur

minha ausência aconteceu

quando cruzei as pontes

e segui o rio

o vento que soprava

me espalhou

dobrei a esquina da Matriz

e o menino de ontem retornou

abraçei o passado
e entrei no beco da memória
que permitiu
o meu exílio

:ali mesmo



*José Olívio
Alagoinhas - BA*

IRMÃ SCHEILLA, A ENFERMEIRA DO ALTO

Sobre nossa Irmã Scheilla
Tivemos informações
De que na vida passada
Teve duas encarnações.

Uma ocorreu na França
Bem no século dezesseis;
Foi mãe de quatro filhinhos
Vindo cedo a viuvez.

Foi casada aos vinte anos
Com o Barão de Chantal
Dedicou-se à Caridade
Para debelar o mal.

Com o Bispo de Genebra
Fundou a Congregação
"Visitação de Maria"
Que teve sua direção.

Santa Joana de Chantal
Foi então canonizada
Essa Santa hoje em dia
Em Paris é venerada.

Sua outra encarnação,
A mais próxima da gente,
Foi a gloriosa Scheilla,
Bem no século recente.
Em Berlin, na Alemanha,
Ali foi linda enfermeira
Muito meiga, muito dócil
Como sempre, à sua maneira.

Na Segunda Grande Guerra,
No continente europeu,
Esquecia-se de si mesma
Um bombardeio a abateu.

Tinha vinte e oito anos
Quando o infiusto se deu;
Hoje na esfera maior
Amplia o carinho seu.

Com o nosso amigo Chico
Trabalhou incessantemente
Até se materializou
Trazendo cura ao doente.

Atualmente a irmã,
Nossa Enfermeira do Alto,
Exerce trabalho intenso
Sublime desiderato.

Colônia Alvorada Nova

Caibar Schutel, dirigida

Nela coordena equipes

Sempre em favor da vida.

Scheilla, loira, jovial

Ostenta belo semblante;

Nos Centros quando visita

Taz perfume inebriante.

Nos manda que abençoe

Abençoe a todos sempre

Onde quer que a gente ande,

Será abençoado a gente.



*JR Bacci
São Paulo - SP*

CRÔNICA DE UM POMBO

Do ponto onde me encontro, posso avistar muito longe, mas não me atrevo a descobrir o que há por lá. Prefiro a comodidade de enxergar apenas o que está mais perto e ao meu redor. Meu único anseio, se é que isso pode ser chamado de anseio, é permanecer aqui, sem chamar atenção, na companhia de um ou vários iguais, que vêm e vão, espantados pelos que circulam pelo lugar quando estamos no chão.

Há momentos — e são poucos — em que abandono o ponto alto onde me encontro, arriscando-me por migalhas espalhadas, atiradas

proposital ou descuidadamente pelos que passam pela rua, às vezes sem rumo, outras por uma boa razão.

A quietude à minha volta dá causa à existência monótona que compartilho com meus semelhantes, mas não com aqueles que nos sustentam com suas sobras. Embora desfrutemos do mesmo cenário desses que nos alimentam, conformamo-nos com a migalha que é a nossa existência.

Todos e tudo, animados ou não, racionais ou não, somos parte do mesmo cenário, apesar daqueles que nos olham com repugnância, como se fôssemos um dejeto manchando uma pintura. Sejam quem forem, façam o que façam, representem o que representem, nada disso me importa, estamos no mesmo espaço, na mesma velocidade de tempo; só não suporto a hipocrisia deles quando me oferecem suas sobras com falsa ternura.

Pouco me importa de qual causa morrerei, se de fome, sede ou frio, há em mim um gosto pelos riscos de todos os dias, apesar do medo, expondo-me à natureza, ciente de minha frágil condição na cadeia alimentar – o que, por si só, já é um infortúnio. Ela, por conta disso e a qualquer momento, se incumbirá do meu destino, seja num telhado, numa árvore ou no chão de terra batida, ao custo das minhas desventuras.

Ah, mas que bela lembrança me trouxe agora minha memória genética. Nem sempre fomos tão ignorados. Houve uma como eu, que um dia, depois de exposta ao caos, retornou com um ramo de oliveira em seu bico, carregado de esperança.

Mas quem se lembra ou se importa? Nem o mais sensível dos poetas que por aqui esteve notou minha presença, embora tenha feito famosa esta cidadezinha com versos simples e singelos.

Pouco me importa, apenas deixem-me em paz,
a mesma paz que naquele tempo foi anunciada por
meu ancestral.

Vida gloriosa a minha, que de monótona nada
tem.

— Não é, Deus?



*Jurandyr Rasquinho Filho
São Paulo - SP*

RELACIONAMENTOS MACHUCAM

Sophie nasceu no seio de uma família de classe média alta de Frankfurt. Sempre estudou nos melhores colégios e teve uma infância extremamente tranquila, com todos os seus desejos prontamente atendidos. Por ser a filha caçula, sempre foi a mais protegida, e tudo o que pedia aos pais era imediatamente concedido. Isso fez dela uma pessoa extremamente dependente e, com o passar dos anos, passou a ter grande dificuldade em resolver os próprios problemas.

A vida não poupa ninguém; é completamente impossível estar na terra dos viventes sem vez ou outra, enfrentar alguns revezes. Eles são

imprevisíveis e, ao mesmo tempo, inevitáveis. Basta respirar e, pronto: os percalços marcarão presença. Com Sophie, não foi diferente. Ela nem imaginava quais seriam as cenas dos próximos capítulos da sua vida.

Sophie era uma mulher muito bela. De origem germânica, tinha a pele extremamente branca, cabelos loiros e um rosto perfeito, que mais parecia o de uma boneca de porcelana. Sempre despertou a atenção dos rapazes com quem convivia e, nos colégios onde estudou, era longa a fila dos que tentavam, ao menos, conquistar um pouco de sua atenção.

A saúde de Sophie sempre foi bastante instável, e, com o passar dos anos, foi se agravando ainda mais. Desde os 14 anos de idade, ela foi diagnosticada com doenças cardiovasculares, mais especificamente com insuficiência cardíaca. Seu lindo coração, que sempre foi marcado pela generosidade,

não conseguia bombear sangue suficiente para suprir as necessidades do seu corpo frágil e delicado.

Sophie sentia constantemente falta de ar (dispneia), fadiga, e, em alguns momentos, suas pernas e tornozelos chegavam a inchar. Os desmaios também eram frequentes, causados pela redução do fluxo sanguíneo ao cérebro. Sem contar os episódios de palpitação e tonturas devido aos batimentos cardíacos irregulares. Sophie sempre viveu “no fio da navalha” desde pequena — quem a via tão linda, jamais poderia imaginar sua fragilidade física.

O senhor Alfons e dona Johanna sofriam muito ao ver o sofrimento da filha. Sophie sempre gostou de esportes e sonhava em se especializar na prática da natação, porém suas condições físicas nunca foram compatíveis. Os médicos sempre alertaram seus pais de que, devido ao quadro clínico da filha, um esforço físico mais intenso poderia,

dependendo da situação, ser até fatal. Isso gerava um verdadeiro pavor em seus corações.

Ao completar 18 anos, Sophie se apaixonou profundamente por um rapaz da faculdade. Foi algo totalmente inusitado — ela nunca havia sentido aquilo antes, nem mesmo com os rapazes com quem havia namorado. Gerhard mexeu com ela por inteiro. Era o homem dos seus sonhos: cerca de 1,85m de altura, musculoso, com o corpo torneado, loiro e de olhos verdes — parecia um “deus grego”. Desde o momento em que sofreu um desmaio em um dos corredores da faculdade, ao acordar nos braços daquele belo homem, se apaixonou perdidamente.

A cada dia, o relacionamento entre eles se tornava mais sério. Gerhard era filho de um dos maiores construtores de Frankfurt. O senhor Herman era um dos empresários mais respeitados da cidade. Sua fama nos empreendimentos o tornara tão célebre que seu nome e sua empresa eram constantemente

mencionados em jornais e emissoras de TV. Além disso, não faltavam matérias sobre ele nas colunas sociais de Frankfurt.

Tudo parecia muito lindo e promissor — mas apenas parecia. O futuro reservava surpresas ainda mais amargas para Sophie. Seu “príncipe”, na verdade, não passava de um “sapo”. Ainda durante o namoro e o noivado, Sophie já percebia alguns sinais preocupantes no comportamento de Gerhard. Ele não sabia lidar com conflitos: tudo precisava ser do seu jeito, e ele não suportava ser contrariado.

Houve uma vez em que ela o viu agredindo violentamente um colega do curso de engenharia. Sua fúria foi tão intensa que quase matou o rapaz com tantos socos e pontapés. Esse episódio causou sérios danos à imagem do senhor Herman e aos seus negócios. Sophie passou a sentir muito medo diante das atitudes impulsivas e descontroladas que via em Gerhard.

Mas, como dizem, o amor é cego. Quando se ama de verdade, os riscos e contratemplos tornam-se quase invisíveis. O famoso ditado “quem vê cara, não vê coração” é totalmente verdadeiro. Muitas vezes, um narcisista leva anos para revelar sua verdadeira identidade e caráter. Ele pode machucar mais do que qualquer outra dor, pois é especialista em se esconder atrás de uma máscara, enquanto, pelas costas, pratica atitudes obscuras. E sempre tem um novo suprimento emocional — nocivo — para oferecer.

Foi dessa mesma forma que Sophie viu seu grande castelo de amor desmoronar com o passar do tempo. Quando os pais de ambos se conheceram, logo se deram bem, e era unânime entre eles a certeza de que Gerhard e Sophie haviam nascido um para o outro. No entanto, os dias que se seguiriam revelariam, com clareza, que o sonho havia se transformado num terrível pesadelo.

O AMOR QUE ME QUEBROU

Exatamente dois anos depois, resolveram se casar. Ambos chegaram à conclusão de que a vida seria vazia sem o amor que sentiam um pelo outro. Deveriam dormir na mesma cama, partilhar os mesmos sonhos, caminhar lado a lado — pois a vida os havia unido, e, dali em diante, não fazia mais sentido viverem separados. Os pais logo consentiram. Foi uma enorme alegria entre os Schmidts e os Schneiders.

A cerimônia foi belíssima — tudo perfeito. Gerhard e Sophie pareciam príncipes de tão deslumbrantes que estavam. Logo após a cerimônia, viajaram para a Itália, onde passariam um mês em lua de mel.

Foi então que Sophie começou a enxergar um lado de Gerhard até então obscuro: ele bebia demais. E, sempre que era dominado pelo álcool, seu comportamento se transformava completamente.

Tornava-se verbalmente agressivo, se alterava com facilidade e reagia de forma hostil a qualquer situação.

Numa certa noite, após o jantar, enquanto escovava os dentes no banheiro do hotel em que estavam hospedados, Sophie encontrou um pequeno saquinho, semelhante a um sachê. Ao abri-lo, viu que continha um pó branco — e logo suspeitou que fosse cocaína. E era mesmo.

Naquele instante, seu mundo de sonhos desabou.

Ela jamais imaginara que o homem dos seus sonhos fosse, na verdade, um viciado. Sempre foi conservadora quanto a isso: nunca se embriagou, e, quando bebia, era apenas em ocasiões sociais, com muita moderação. Sophie ficou profundamente perturbada e passou a esperar, angustiada e irada, o retorno de Gerhard, que havia saído para alugar um carro que usariam no passeio do dia seguinte.

Quando ele chegou, ela não conseguiu se conter. Seus nervos estavam à flor da pele. Em um impulso, disse compulsivamente:

— Que droga é essa, Gerhard? — gritou Sophie, tremendo da cabeça aos pés, segurando o pequeno sachê entre os dedos. — É isso mesmo que eu encontrei no banheiro? Você usa cocaína?

Gerhard, surpreendido pela abordagem repentina, tentou disfarçar. Tentou sorrir. Tentou negar. Mas a expressão de Sophie era diferente daquela que ele conhecia. Ela estava ferida, decepcionada e completamente fora de si.

— Sophie... calma, amor. Não é o que você está pensando — disse ele, tentando se aproximar.

— Não se atreva a me chamar de amor! — retrucou, recuando com as mãos trêmulas. — Como você teve coragem de me esconder isso? Eu casei com um homem que eu achava íntegro, confiável... mas

agora percebo que não sei com quem estou dormindo!

Gerhard mudou o tom. Sua expressão ficou sombria, seus olhos perderam o brilho. O homem encantador de antes parecia ter evaporado, dando lugar a um estranho.

— Você está exagerando — respondeu, ríspido. — Isso não é da sua conta. Eu sei o que estou fazendo.

— Não é da minha conta? Somos casados! Minha vida está entrelaçada com a sua! — Sophie se desesperava. — Eu te amei com todo o meu coração, Gerhard. Mas agora... eu não sei mais.

Gerhard suspirou, irritado, como se estivesse sendo injustamente acusado.

— Você sempre foi mimada demais. Não sabe lidar com a realidade. Cresceu numa bolha, Sophie. Talvez seja você quem não esteja preparada pra um casamento de verdade.

Aquelas palavras foram como uma punhalada. Ela sentiu seu peito apertar, seu rosto corar, e as lágrimas saltaram como se tivessem esperado aquele momento por anos. Sophie saiu do quarto correndo, deixando para trás o vestido de seda pendurado, a mala por desfazer, os planos de um passeio pela Toscana, e principalmente... o sonho de um amor perfeito.

Sozinha no corredor do hotel, apoiada na parede, Sophie respirava com dificuldade. Pela primeira vez na vida, sentiu-se verdadeiramente perdida. A sensação de abandono emocional era pior do que qualquer diagnóstico físico que já tivera. Seu coração, já fragilizado por uma doença real, agora sangrava por uma dor invisível: a da traição, da decepção, da quebra da confiança.

E foi ali, no silêncio abafado da madrugada italiana, que ela começou a entender:

relacionamentos machucam. Às vezes, mais do que qualquer outra coisa na vida.

UMA DICA:

Tome cuidado com a síndrome da “primeira impressão”. As aparências realmente enganam. Antes de se unir inteiramente a alguém, procure dar tempo ao tempo. Faça algumas análises. Geralmente, bons filhos tendem a se tornar excelentes cônjuges.

Sophie não sabia o quanto Gerhard havia feito os Schneiders sofrerem com seu temperamento agressivo. Ele mesmo nem fazia ideia disso. Por isso, procure avaliar bem com quem você está se relacionando.

A psicologia diz que é possível identificar traços de narcisismo em até seis meses de convivência. É melhor se prevenir antes do que sofrer depois. Relacionamentos podem machucar muito.

Tive a oportunidade de fazer um estágio na Cracolândia, em São Paulo, e conversei com pelo menos nove pessoas que vivem lá. Fiquei estarrecido. Entre elas estavam o filho de um jogador famoso de futebol, uma ex-modelo, um engenheiro e uma advogada de renome no cenário jurídico. Nenhum deles desejava sair de lá. O motivo? Decepções amorosas.

Leiam este texto bíblico para reflexão:

“Só ele cura os de coração quebrantado e cuida das suas feridas.” (Salmos 147:3)



*Leandra Feraz Moreira
Tabuleiro - MG*

INFÂNCIA

Eu sou o início, a alegria, o brilho.

**Minha fase mais bonita e está, cheia de entusiasmo,
cheia de esperança.**

**Você já esteve em meu lugar, cresceu e hoje está apto
a me ensinar e cuidar.**

**Use suas experiências para meu caráter ajudar a
formar.**

**Eu represento a inocência, meu coração é repleto de
amor**

Me ame, respeite-me e por favor não me cause dor.

A exploração infantil deixa marcas, tristezas e muita solidão.

Posso carregar para sempre essa bagagem de decepção, alojada dentro do meu coração.

Pois no percurso da vida eu vou crescer, quero continuar sonhando.

Não não me faça padecer.

Seja minha referência, exemplo, minha inspiração.

Amanhã eu serei seu retrato, e ao olhar para você quero contemplar gratidão .

Mas você ao me ver deseje saber que fez da minha infância a parte mais nobre da sua herança.



*Li Cordeiro
Campo Grande - RJ*

PESSOAS SÃO COMO PLANTAS

Há pessoas que se assemelham a pequenas plantinhas, estão ali apenas para colorir o ambiente, suavizar o dia, irradiar alegria. Não incomodam, não exigem apenas existem discretas e encantadoras. Outras lembram o jasmim, que exala seu perfume mesmo à distância, deixando sua marca por onde passa.

Algumas são como flores raras: belas, perfumadas, encantadoras aos olhos e à alma. Têm uma delicadeza que inspira versos e silêncios profundos. Há também aquelas que, apesar da aparência frágil e delicada, são fortes como a flor-do-beijo, que resiste bravamente às intempéries da vida.

Como as rosas, há pessoas que vêm em diferentes formas e cores. Muitas carregam espinhos, defesas construídas pela necessidade. Mas, quando cuidadas com carinho e respeito, vão deixando os espinhos de lado, desabrochando em sua plenitude e revelando uma beleza que só o afeto pode despertar.

Algumas são como ervas medicinais: erva-doce, camomila, capim-limão. Acalmam, curam, confortam. Estar com elas é como um abraço quente em dia frio. Outras, como a hortelã, a salsa e o manjericão, trazem sabor à vida, temperam momentos, despertam os sentidos e renovam a alegria de viver.

E há aquelas que se assemelham às trepadeiras: crescem, se espalham, sobem com facilidade. Em um ambiente adequado, tornam-se exuberantes, ornamentais. Assim também são as samambaias. Símbolos de charme e elegância, que

quando bem cuidadas, ganham destaque e admiração.

Algumas pessoas, como as plantas epífitas, precisam de uma base firme para se manter. Apegam-se a algo sólido, mas retribuem com flores de rara beleza como as orquídeas. Outras, infelizmente, se comportam como parasitas, sugando a energia e a força de quem as cerca ou sustenta, sem oferecer nada em troca.

Também há as ervas daninhas: silenciosas, rasteiras, vão se espalhando pouco a pouco até dominar o espaço, sufocando o que há de bom ao redor. E não podemos esquecer-nos das urtigas aquelas que exigem cuidado ao se aproximar. Poucos reconhecem seu valor, mas elas têm suas virtudes.

Há ainda aquelas que vivem para proteger: arruda, guiné, espada-de-são-jorge e comigo-ninguém-pode. São guardiãs, mas mesmo essas

precisam de equilíbrio, pois o excesso pode se tornar tóxico.

Sim, pessoas são como plantas, mas também são únicas. Porque carregam dentro de si o raciocínio, a consciência e o livre-arbítrio. Essa é a grande diferença.



*Luciane Pires
Angra dos Reis - RJ*

A SUPERDOTAÇÃO NO MEU DICIONÁRIO DA VIDA

Vivo a vida em busca de me transformar em um livro aberto. Descobri há pouco que talvez seja preciso esclarecer que palavras mais combinam com a minha caminhada. Hoje quero vivificar o dicionário que está sendo construído na minha trajetória de 20 anos no trabalho como pedagoga com pessoas que apresentam comportamento de superdotação.

Por anos, folheando as páginas da educação e da psicologia, fui me aproximando do universo do comportamento da superdotação e percebendo que muitas dessas palavras ganharam contornos inesperados e sentidos que começo a apreciar neste

fechamento da trajetória como pedagoga.

Este é um ensaio em forma de glossário existencial, onde cada verbete não apenas informa, mas revelam transformações. São palavras que me acompanham, que me atravessam e que me trouxeram mais amplitude e também mais ternura quando olho pelo retrovisor.

Esse minidicionário é incompleto, como tudo que pulsa e vive. Sei que muitas outras letras esperam por definições que virão com o tempo, com os encontros, com as dores e as conquistas. Mas hoje, ao folhear essas páginas internas, reconheço: a superdotação não é apenas um campo de atuação. É uma lente que me fez reler a vida inteira com novos olhos.

Há palavras que já ganharam corpo em mim – firmes, inteiras, vividas. Mas há outras que ainda estão em processo. São verbetes em construção, como a própria vida. Palavras que têm me atravessado com perguntas, revelações, e a constante exigência de

me refazer para acompanhar os caminhos de quem tem sede de ir além.

Começo este pequeno glossário de forma nada original pois não consigo fazer de outra forma: A DE AMOR! Sim! Foi o amor que me manteve, e é o amor que me move. Não o amor romântico, idealizado. O amor comprometido com o desenvolvimento do outro, aquele que sustenta o olhar atento, o ouvir verdadeiro, o cuidado constante. Amar, neste campo, é respeitar a diferença e se encantar com o inusitado. A superdotação me ensinou a amar com mais precisão, com mais entrega, com mais coragem.

Antes de qualquer laudo, de qualquer teste, é o B DE BRILHO NOS OLHOS que denuncia. É como se os olhos dessas pessoas acendessem faróis para um mundo interno em movimento intenso, cheio de perguntas, fascínios e inquietações. Descobri que esse brilho não é apenas um indício de inteligência: é uma forma de vida, um estado de estar no mundo com intensidade!

C DE CRISTINA DELOU que foi mais do que uma referência teórica na minha caminhada, foi uma chama acesa em Angra dos Reis. Com sua coragem e compromisso, iniciou conosco o trabalho de identificação e formação. Em seu verbo firme, aprendi que a militância na educação também é ato de amor. Dizer “Delou” é lembrar que alguém acreditou quando muitos ignoravam.

F de FLEXIBILIDADE EM CONSTRUÇÃO. Venho aprendendo que a rigidez não educa e que flexibilidade não é fruixidão, mas sabedoria. É ajustar a rota, rever estratégias, ceder o lugar de autoridade para escutar o saber do outro. Em um universo tão plural e cheio de exceções como o da superdotação, a flexibilidade virou para mim um verbo vital: flexibilizar é possibilizar.

E, no possibilizar, chega o J que traz o conceito de JANELAS DE OPORTUNIDADES. Não são só neurológicas, são afetivas, sociais, pedagógicas. Uma janela se abre quando a criança encontra alguém que

a vê inteira, quando uma escola decide arriscar-se no acolhimento, quando uma família ousa perguntar diferente. A superdotação me ensinou a estar atenta a essas janelas: elas se abrem e fecham num sopro. Estar presente, na hora certa, pode mudar um destino.

Quando atua o desapego que a flexibilidade proporciona, vem o M DE MATURIDADE que não tem a ver com idade. É um chamado interior para olhar o diferente sem rejeição, para acolher o que escapa das normas e ainda assim merece respeito. Trabalhar com crianças e adolescentes com altas habilidades ou superdotação ensinou-me, dia após dia, que há possibilidades de conhecer comorbidades e situações que compõem este universo multifacetado.

Cada dia com sua provocação, descoberta, num mundo novo que se abria foi mostrando o N de NOVOS SABERES EM CONSTRUÇÃO porque não há rotina no trabalho nesta área. E com isso, eu

precisei aprender a me abrir também. Abertura para ler autores novos, ouvir vozes dissonantes, experimentar caminhos diferentes, deixar-me ensinar por quem tem 10, 12, 14 anos. Abertura para não me acomodar.

Não há um superdotado igual ao outro. Então, o R, RESPEITO À INDIVIDUALIDADE faz um convite a desmontar preconceitos, categorias, pressa... Respeitar a individualidade é escutar com o coração aberto, sem querer moldar, mas sim compreender. É ver no outro não o que eu gostaria que fosse, mas o que ele de fato é e, assim, deixá-lo crescer a partir daí. A busca por sentido é um traço que se repete nesses jovens intensos. E, em mim, como pessoa e profissional, também! Percebo o S de SENTIDO EXISTENCIAL. Não basta saber muito, é preciso entender por que, para quê. Superdotação não é apenas desempenho elevado. É também angústia pelo mundo, perguntas maiores do que a idade, crises precoces sobre a vida e a morte. É onde o saber

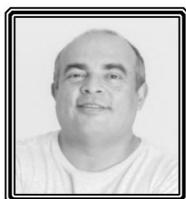
e o sentir se encontram num ponto de profundidade. E nesse ponto, encontrei também o meu próprio sentido na UTD, de Unidade de Trabalho Diferenciado, um atendimento especializado que vi nascer e chegar aos 20 anos! Faço parte desta história para sempre com muita gratidão!

E, no final, percebi que o X DA QUESTÃO não está somente no QI. Está na invisibilidade, na subestimação, nos estereótipos, nas escolas despreparadas, nas famílias confusas, nas crianças que camuflam seu talento para caber. Foi descobrindo esses Xs que me vi diante de minhas próprias interrogações: como educar sem sufocar? Como acolher o voo sem temer a altitude? Como assumir a condição diante de tantas dificuldades?

Cada palavra, uma janela. Cada letra, um caminho... Sei que esse dicionário nunca estará completo, porque a vida com a superdotação me desafia a continuar crescendo. A cada criança, a cada família, a cada educador com quem caminho, uma nova

palavra começa a se formar.

Talvez seja essa a maior beleza: viver em constante reescrita.



*Luiz Eudes
Sátiro Dias - BA*

OIAPIARA

Para Littus Silva

Em cada lagoa, embriague-se,
onde a luz se derrama como vinho,
e o tempo se desdobra em momentos,
tecido de memórias que se entrelaçam.

No silêncio que envolve,
a essência se revela,
um espaço onde a clareza flutua,
e a mente se entrega ao repouso.

O entardecer se pinta,
viver o agora,
as cores se entrelaçam em um abraço,
encanto a ser observado em cada tom.

Oiapira, guardiã das pequenas lagoas,
deixe-me embriagar pela serenidade,
acolher a beleza que flui,
neste mistério de vida e poesia.



*Luzz Souzza
Ribeira do Pombal - BA*

O FAROL DA AMIZADE

As ondas vinham devagar, e sobre a água se formava uma fina camada de escuma branca. A brisa suave e quente bateu de leve no rosto de Elisa, então ela fechou os olhos e permitiu-se ser acariciada pelo vento.

Ela respirou fundo. Fazia muito tempo que não se sentia segura e em paz consigo mesma. Os últimos anos foram muito difíceis e ela chegou a pensar que sua vida havia acabado. Porém, esses pensamentos negativos foram levados pelo vento para muito longe e ela sentiu que a vida estava lhe dando uma nova oportunidade.

E foi ali, diante do mar que Elisa percebeu que tinha se perdido de si mesma, então decidiu que não permitiria que aquilo acontecesse novamente. Nunca mais!

— Você parece ótima! Fico tão feliz por isso! — Disse Gabriela, depois de recebê-la com um forte abraço, quando ambas se reencontraram no aeroporto — Eu sabia que esses dias na praia iriam te fazer bem!

Elisa sorriu. Gabriela era realmente uma amiga incrível! A única que permaneceu a seu lado, dando apoio e bons conselhos mesmo nos momentos mais difíceis. Ao longo dos anos, várias pessoas entraram e saíram de sua vida, e ela entendia que esse tipo de coisa era natural na vida de qualquer pessoa, entretanto, uma amizade como a de Gabriela era rara! E ela faria questão de zelar por aquela amizade, para todo o sempre!

— Pena que você não pode ir, Gabi! Mas obrigada por insistir para que eu fosse, mesmo sozinha! Me

fez um bem enorme! Foi incrível!

Gabriela pôs o braço em volta do pescoço de Elisa e elas saíram caminhando despreocupadamente.

- E que bom que você me escutou! Olha como você está, agora? Parece até outra pessoa! Você estava com uma cara de morta-viva, sabia?
- E porquê você não me disse isso antes?
- E escutar isso iria te ajudar em quê, amiga? Sua autoestima já não estava muito boa!
- Ah, verdade. Você fez bem.

Gabriela afastou-se e abriu os braços sorrindo e disse após fazer uma mesura:

- A seu dispor, madame.

Ambas riram e ao saírem do aeroporto pegaram um táxi.

Durante o restante da tarde, as amigas colocaram os

papos em dia.

E quando a noite caiu, e elas estavam sentadas lado a lado no sofá da sala do apartamento de Gabriela, vendo um filme no DVD e comendo pasteizinhos de carne e bebendo suco de maracujá, Elisa pegou o controle remoto, deu pause e disse:

— Gostaria de te dizer uma coisa, Gabi.

Gabriela, de olhos arregalados, fica de frente para a amiga de anos e indaga:

— O que foi, Elisa?

— Eh, sabe, eu não senti vergonha dos hematomas que o Guilherme deixou em mim! E acho que foi porque você me disse que eu não tinha que sentir vergonha dessas marcas, pois elas são como um símbolo de que eu estive na escuridão e de que consegui sair de lá. — Elisa fita Gabriela, que já estava com os olhos marejados e continua — E lembra daquele dia em que eu participei de uma

excursão?

- Sim, lembro! Vocês foram conhecer o farol não, é?
- Sim! E enquanto eu estava no farol, só pensei em como você foi como um farol para mim, Gabi! Meus pais morreram, e o resto da família nem lembra que eu existo, mas...

Elisa respira fundo e pega a mão direita da amiga, e diz:

- Você sempre me apoiou, e mesmo quando eu me sentia perdida, você aparecia como uma luz em meio a escuridão para me guiar! Eu sempre serei grata por você ter sido o meu farol, Gabi! Sempre!

E então elas se abraçaram. As palavras de Elisa foram como um bálsamo para Gabriela, pois desde que saiu da sala do oncologista, há mais de uma semana, ela sentia como se houvesse um peso enorme sobre suas costas. Mas durante aquele abraço, ela sentiu que não tinha nada a temer, então ela

contou a Elisa, tudo o que ouvira do médico.

Felizmente, Elisa foi como um farol para Gabriela, porém, a doença fora implacável e levou Gabriela embora três anos depois.

No entanto, a morte não pode destruir o laço da amizade. Elisa jamais se esqueceria daquela que fora mais que uma amiga, mas uma irmã! Até porque uma amizade leal sempre será como um farol em meio a tempestade, independente do tempo e da morte.



Magno Assis
Antônio Dias - MG

***PRA NÃO DIZER QUE NÃO
FALEI DE MINHAS RAÍZES***

Sempre carreguei no corpo
O cheiro de mato
O inebriante perfume de floresta
E trago na alma
A limpeza do ribeirão
E a vida que a água refaz

Mesmo distante de Santa Cruz
Meus pés demonstram
As léguas caminhadas
E a caminhar
Revisando infância,
Adolescência e juventude

O verde continua
A correr em minhas veias
Como necessidade primordial
Do viver

Hoje, longe do verde,
Trago na alma a alma
De toda árvore
Que reverenciei um dia

Os versos seguem
Os mesmos passos
Das léguas adiantes
Que um dia percorri
E que impulsionam
Meu caminhar

Mesmo longe da serra
Meu corpo é alimentado
De terra
E exala o aroma

De saudade
Da terra molhada

Há uma floresta inteira
De lembranças
E uma cachoeira
De saudades

Há Santa Cruz
Há Caxambu
Há Antônio Dias
Correndo em minhas veias
Permitindo- me viver



*Marcelo do Rêgo Barros Lapenda
Recife - PE*

RECIFE E SUAS ASSOMBRAÇÕES

E, de repente, histórias sempre aparecem, surgindo na memória, de tempos que já podemos chamar de remotos, da infância (que os tempos não trazem de volta, mas nunca uma época perdida). Fatos, digamos, relacionados pela matéria (ou não-matéria, se considerarmos o contexto), piscaram na mente, especialmente ao lembrar que o Recife é, dizem, uma cidade assombrada, com até mesmo roteiros turísticos temáticos. Então, vamos falar de fantasmas e assombrações.

Para começar, explico que, durante a minha infância, morávamos em uma casa onde eu e meu irmão dividíamos um quarto no primeiro andar. Ele

tinha uma cachorrinha (hoje se diria "*pet*", com ele como o "*tutor*"), que chegou em nossa casa desde, pode-se dizer, o seu nascimento, e era extremamente mimada por ele. Comentava-se até que, se ele estivesse mastigando um chiclete, um pedacinho seria para ela (metaforicamente, é claro!).

A cachorrinha, de nome Poranga (nome que, vale explicar, significa "*bonita*" ou "*bela*", em tupi), insistia em dormir na cama com ele, sempre aos seus pés. No entanto, nosso pai havia feito uma caminha para ela ficar no térreo, de forma que não subisse para o quarto.

Outra explicação necessária: nossos pais geralmente ficavam na sala assistindo televisão à noite (nossa pai na mesa, corrigindo provas, preparando aulas, estudando ou até fazendo palavras-cruzadas, enquanto nossa mãe ficava no sofá, com Poranga deitada ao seu lado, no chão). Quando a programação da TV terminava (sim, na época a programação não era 24 horas, encerrando-

se em determinado horário da noite, para recomeçar só na manhã seguinte), eles iam para o quarto, com Poranga os seguindo indo para a caminha dela.

Contudo, convenhamos que os *pets*, como os chamamos hoje, de irracionais não têm nada. Assim que nosso pai apagava a luz do quarto, e na cabeça dela eles já estariam dormindo, começava a subir as escadas em direção ao nosso quarto, no primeiro andar. Como os degraus eram em granito, ouvíamos claramente o som das suas unhas no piso. Isso se tornava um ritual, e muitas vezes ficávamos esperando por esse momento.

Agora que as explicações estão dadas, voltemos ao assunto propriamente dito, o fantasmagórico. Minha irmã, junto com algumas colegas do colégio, adorava encontrar-se, ocasionalmente, na casa de uma ou de outra para colocar as conversas em dia e, muitas vezes, elas dormiam na casa anfitriã. Não era raro, nesses encontros, elas tentarem "brincar de mediunidade",

com a famosa "brincadeira do copo", em uma tábua improvisada, tentando falar com espíritos.

Pois bem, numa noite em particular, após uma dessas sessões (digamos, espiritualizadas), uma das colegas ficou para dormir lá em casa. Para acomodar melhor, minha irmã e a colega ficaram no nosso quarto, enquanto eu e meu irmão descemos: ele foi para o quarto da minha irmã, e eu, o mais novo e com uma diferença de idade considerável, fui dormir no quarto dos nossos pais.

Elas se instalaram, e seguiu-se o rito normal de um dia comum: apagaram-se as luzes e fomos dormir. De repente, um grito ecoou em nossos ouvidos... Esquecemos de Poranga, que seguiu o seu ritual habitual, subindo ao quarto e pulando na cama do meu irmão. Porém, naquele momento, a cama estava ocupada pela colega da minha irmã, que ainda estava acordada (aliás, com medo de dormir depois de tantas conversas sobre fantasmas e assombrações), tremendo de medo desde que

começou a ouvir aqueles "passos do além" e, por fim, sendo surpreendida por aquela "incorporação" aos seus pés!

A "póbi"!

Ambas se assustaram: a colega com os passos e o pulo de Poranga sobre seus pés, e Poranga com o grito de pânico (terror, eu diria) que se seguiu à sua rotineira caminhada para dormir aos pés do seu tutor.

Mas não vamos nos limitar a esse episódio; há mais. Nossa casa tinha um jardim, um quintal e dois oitões: um mais estreito, ao lado da cozinha e dos banheiros, e outro bem mais largo, que acompanhava um terraço e para o qual davam as janelas dos quartos e cujo muro fazia divisa com a casa dos tios de minha mãe, que ficava na esquina da rua em que morávamos, e na outra rua, onde o restante da minha família materna tinha casas.

Primeiro detalhe: havia um desnível

significativo entre os terrenos, sendo o da nossa casa era mais elevado que o dos meus tios-avós, devido a alagamentos costumeiros na nossa rua. Segundo detalhe: nosso oitão tinha iluminação, enquanto o terreno da casa dos meus tios-avós, por ser enorme e ser, ali, os fundos da casa, não contava com quase nenhuma iluminação.

Certa noite, retornamos às situações de conversas espiritualizadas noturnas mencionadas antes. Após encerradas as brincadeiras de "conversas com o além", minha irmã e, se não me engano, duas colegas dirigiram-se ao oitão, onde já estávamos, e, papo vai, papo vem... um grito!

Como já mencionado, havia um desnível nos terrenos e, para acrescentar um terceiro detalhe, havia uma moça, mais ou menos da mesma idade da minha irmã, que estava passando um tempo com meus tios-avós. Ao ver que estávamos ali, ela resolveu se aproximar do muro para "entrar na conversa". Contudo, diante do escuro da noite (sem

iluminação naquela parte), e somado ao desnível dos terrenos, ela, sendo um pouco morena e com cabelos bem negros, tinha apenas os olhos, bem brancos, visíveis. Os olhos dela, que eram grandes, ficaram enormes após o grito vindo da nossa casa. Enquanto nós pensávamos que havia um ser do além, ela, por sua vez, imaginou que alguém estivesse atrás dela.

E, último detalhe: o muro era encimado por uma fileira de cobogós. Assim, seus olhos (e só eles, refletindo a luz da nossa casa) surgiram para nós, um em cada quadradinho vazado no muro.

E, para não perder o mote, essa casa, ou melhor, seu terreno, derivou de um loteamento compulsório imposto sobre os sítios urbanos existentes, especificamente de um sítio que pertencia ao meu bisavô materno. Por essa razão, em uma das ruas, todas as casas eram de alguém da família da minha mãe (seus pais, irmãos, tios e primos).

Dizem, dizem, que aquele lote específico teria abrigado, para ser politicamente correto e minimizando, um local onde entes não-materiais (ou sobrenaturais) se comunicavam (ou se incorporavam) com os que estavam ali reunidos. Mas, sem delongas, além de não ter nascido na época, eu era muito jovem para fixar na memória detalhes, digamos, técnicos sobre o assunto.

Prosseguindo, e repito... dizem que várias aparições foram noticiadas por ali. Certa vez, tenho uma vaga lembrança de ouvir a narrativa: estávamos na sala assistindo televisão, e minha mãe, vindo do seu quarto, ao passar pela porta da cozinha, olhou e me repreendeu por estar mexendo no fogão. Só que... eu estava na sala!

Minha avó paterna, ali presente, dirigiu-se à minha mãe e, comigo em seu colo, disse também já ter visto aquela criança pelos cômodos da casa. Bem, essa história, ao contrário das outras duas, que decorreram de situações normais, mas combinadas

com brincadeiras inocentes sobre o além,
propiciando entender o explicável como inexplicável,
é uma narrativa que até hoje não encontrou lógica no
dito natural.

Deixemos, então, os espíritos descansarem em
paz!



*Marcia Helena da Silva Mello
Nova Iguaçu - RJ*

ÍRIS LUZ, A GALINHA QUE QUERIA VOAR

No sítio do vovô Rafa, havia muitos animais e plantas.

Embaixo de uma grande árvore, tinha um galinheiro com muitas galinhas e outros animais de penas.

Havia também um ratinho chamado Zeca, que morava escondido num cantinho perto do lugar onde os animais bebiam água.

De sua pequena casa, Zeca observava a vida no sítio e ficava encantado com a variedade de animais, com

as cores e os diferentes perfumes das flores.

Dentre os animais, havia uma galinha chamada Íris Luz. Ela era a mais colorida e elegante de todas. Tinha esse nome porque as cores de suas penas lembravam o arco-íris e brilhavam como o sol.

Zeca ficava encantado, mas não entendia porque ela estava sempre pensativa e distante de todos.

Um dia, Zeca resolveu saber o motivo daquela aparente tristeza.

Saiu do seu cantinho e foi tentar fazer amizade. Logo percebeu que ela era desconfiada e de pouca conversa. Estava sempre olhando o céu sem dar importância para o que acontecia à sua volta.

Zeca, que vivia cantarolando, não demorou para conquistar a confiança e simpatia daquela bela

galinha e logo descobriu a razão de sua tristeza.

Ela desejava voar para conhecer a beleza do mundo.

Coitado do Zeca, não podia dizer a Íris que as galinhas não voam. Isso a deixaria muito triste. Além disso, ele não sabia como explicar. Por isso, resolveu mostrar o mundo da maneira como ele via.

Começou falando da diversidade da natureza, do perfume e colorido das flores, mostrou a beleza do lago, os peixes, falou da alegria de ter amigos, da família...

O entusiasmo de Zeca pelo mundo que o cercava era tanto que Íris ficou radiante de felicidade e percebeu que a beleza do sítio era mesmo de tirar o fôlego.

Daquele dia em diante, Íris e Zeca se tornaram os melhores amigos. Passavam horas conversando

enquanto caminhavam pelo sítio explorando cada pedacinho de mundo que seus olhos podiam alcançar.

Mas um pensamento não saía da cabeça do ratinho Zeca: “Por que as galinhas não voam?”

Mesmo sem saber a resposta para essa pergunta, Zeca sabia de uma coisa, a vida no sítio era bela e as amizades são valiosos tesouros.

Assim, Zeca e Íris continuavam seus passeios, explorando as belezas do sítio, sempre descobrindo coisas novas e, o mais importante, fazendo novos amigos.



*Márcia Vales Ferreira
Teresópolis - RJ*

CAMINHOS PARA GALGAR O MESTRADO E O DOUTORADO

Sempre galguei caminhos exitosos para a compreensão da realidade educacional a qual me dispunha a trilhar. Sou feliz em ser inserida na década de mil novecentos e setenta na educação infantil. Ali, aprendi os conceitos primorosos de socialização, gosto pelas histórias infantis e brincadeiras.

Minha família de origem era composta pelo meu pai e minha mãe. Imigrantes de Portugal construíram raízes fecundas neste país. E eu sou o fruto dessa árvore. Sou filha única de pais que cursaram somente o primeiro segmento do ensino

fundamental, porém alfabetizados e letrados. Sabiam escrever e interpretar. Meu pai trabalhou por cinquenta anos na Ordem Terceira do Carmo, hospital localizado no Centro do Rio. Ali foi porteiro e depois auxiliar de administração. Recentemente, organizando documentos, achei uma carta elogiando seus serviços. Sentia orgulho e reverberava seu esforço em me proporcionar uma educação de elite com seu salário que dava para pagar a mensalidade, contas oriundas de gastos cotidianos e minha escola. Não havia como ter dinheiro para o lazer.

O nosso lazer era nas sutilezas familiares e nas brincadeiras suburbanas. Ah... mas tudo com memórias amorosas e grandiosas. Minha mãe era costureira profissional, trabalhou por dezenove anos na loja Garota, situada no bairro Estácio de Sá, no Centro do Rio de Janeiro. Ela fazia meus uniformes com destreza e carinho, além dos figurinos das danças folclóricas da escola. Lembro com carinho

que ela fazia os lanches para me assistir e depois lancharmos juntas e assistirmos às demais danças. Estudei no Colégio Nossa Senhora da Piedade, situado no bairro Piedade, também no Município do Rio de Janeiro. Após formada professora, consegui logo emprego na antiga escola Jardim Escola Peixinho Amigo, na Tijuca, bairro carioca, que acolheu meus pais quando vieram de Portugal.

Queria dar mais orgulho aos meus pais que tanto investiram na minha educação e, em mil novecentos e noventa e dois, passei para a Universidade Federal Fluminense na Faculdade de Pedagogia. Meus pais ficaram encantados e orgulhosos. Após a conclusão, em mil novecentos e noventa e oito, realizei meu primeiro concurso público para professora orientadora educacional no município de São João de Meriti e em dois mil e sete para professora especialista orientadora educacional em Duque de Caxias.

Queria continuar dando orgulho aos meus pais. Em memória deles e para o meu aprofundamento educacional em prol das crianças, ingressei no Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes em dois mil e dezesseis na Unigranrio/AFYA e no ápice acadêmico, ingressei no Doutorado na mesma linha e Universidade em dois mil e vinte um, passando pela pandemia, com dedicação ao extremo para honrar meus pais e a bolsa que a Universidade me concedeu.

Agora, perpetuo os ensinamentos adquiridos com os professores e crianças e a minha filha, Maria Eloah Vales, para que ela continue honrando as conquistas de seus avós e minha. Que ela frutifique sua vida pela Educação e que seja uma colaboradora honrosa para o mundo.

Refletir sobre as memórias afetivas, da infância à fase adulta e à vida acadêmica, foi mais que um prazer. Foi

Farol das Letras

reconhecer a importância das relações e aprendizagens ao longo da vida.



*Marcos Gonbáz
Colombo - PR*

O AMOR NÃO TEM SENTIMENTOS

Pode o amor sentir o que sinto?
O amor terá coração como eu?
Sentimento que me parece frio
Perante sofrimentos como os meus.

O amor não me entrega parceria
Nem mais confiança em crer
Parece distante em sua galhardia
De outros corações enlouquecer.

E eu, o que posso fazer agora?
Homem abandonado e traído
Romântico apaixonado outrora
Pelo amor sem alma convencido.



*Michelle Calado
Campinas - SP*

SER SOL...

Eu sou a Luz do Sol, eu sou um raio.

Sinto-me grande, forte, bonito, feliz...

Sei que torno os dias mais belos, mais vibrantes, mais animados...

Consigo ver os sorrisos nos rostos.

Consigo sentir a paz invadindo os corpos, os corações e as mentes.

Nossa, que alegria, que felicidade, que aconchego!

Sinto-me abençoadão, vibrante...

Quando olho para minha volta, vejo a beleza da vida, a potência do viver e o amor transborda nas maravilhas que meus olhos alcançam.

Sinto que posso tudo. Aliás, sei que tudo posso!

Sei que nada é por acaso e que ser o Sol é um presente que me dou todos os dias e que também posso presentear todos a minha volta.

Brilhar, e quanto mais irradio a minha Luz, mais vibrante me torno. Esse poder desperta no fundo do meu ser um forte sentimento de gratidão.

Gratidão por tudo até aqui vivido e experienciado. E mais uma vez, sinto e confirmo que nada é por acaso.

E é nessa luz que escolho permanecer. Gratidão não apenas por entender, mas por sentir que a acolhida é certa, e que, mesmo depois de mais um dia, sempre haverá o amanhã para voltar a brilhar.

Sobre ser Sol...

Fazer dessa Luz uma ferramenta de esperança e transformação. Assim como o amanhecer sempre podemos renascer para iluminar, inspirar e respirar.

Sobre ser Sol...



*Mirtes Fonseca
Rio de Janeiro - RJ*

EU TE PEÇO

Ah eu te peço não quero o teu respeito
Quero que tu chegues e me pegues de jeito
Quero mais do que beijos
Quero que sacies minha sede em teus braços

Tome posse
E faça-se pra mim
Objeto do meu desejo e prazer
Não importa fazer-me nua
E da minha alma, e da minha mente
Ah! Eu te peço:
Não me conclua
Essa nunca será tua



*Mônica Macedo
Rio de Janeiro-RJ*

IMPRESSÕES

Vagueiam imagens no meu sentir
Supostas impressões... vagas de algo sem forma
Mas com movimento

Portais de luz
Vibrações telepáticas
Telas mentais
Histórias siderais...
O movimento do mistério permanente
Que desmonta e
Remonta nas dimensões do tempo, da vida

A imagem da impermanência enquanto estamos
aqui...



*Nathália Santas
São João de Meriti - RJ*

ATLÂNTICO

Tentar respirar enquanto se afoga na própria saliva, se engasga no próprio choro, é muito difícil... É torturante, exaustivo, sufocante. Deixa que eu faço.

Eu me sinto como um sugador de sofrimento. Quero absorver tudo para mim, como uma esponja. Engolir a angústia de todos, roubar seus pesares e consertar suas vidas.

Dá para mim. Eu aguento. Eu sempre aguento tudo. Eu posso suportar suas reclamações, comer suas frustrações, beber todo o seu ódio pelo mundo, me afogar no seu luto. Por que você passaria por isso? Eu estou aqui, eu faço por você, eu sinto tudo por você. Só não posso ser sua namorada, sua amiga, sua

irmã, sua filha — mas eu posso ser aquela que vai pegar tudo que há de ruim e feio em você, tudo que lhe corta por dentro, tudo que lhe faz chorar ácido, e engolir sem fazer cara feia.

Não se preocupe comigo, quando você desviar o olhar, eu forço os dedos gorja abaixo e vomito este saco de dor — sem que você repare, é claro, isso acabaria com você. O primeiro ser com consciência a surgir no mundo, certamente, foi aquele a entender que a ignorância é uma bênção. Qual será a minha bênção? Há bênção para mim? Ogum me sussurra que sim, com as mãos em meus ombros, ele tudo me mostra e nada me esconde. Me faz enxergar que as bênçãos vivem à minha volta, escondidas e escrachadas ao decorrer dos dias, dependendo de mim para deixá-las entrar e dar-lhes sentido e valor. Assim o peso no estômago é mais leve, mas ainda não me pertence — o boto para fora sozinha ou ele mesmo arranja um jeito de fazê-lo, arranhando minhas camadas internas, me perfurando de dentro

para fora, até me deixar exposta e dilacerada, para então se libertar e procurar seu dono.

Estaria errado? Existe um culpado?

Recolho minhas tripas do chão, lavo e as ponho no lugar, limpo o sangue da pele, e costuro minha carne – camada por camada, reconstruindo cada veia e fibra – tampo minhas cicatrizes e saio para buscar mais dores e angústias, a fim de fazerem companhia para as minhas.

E continuo me questionando: Por que insistir em carregar pesares que não são de meus bens?

Porque eu aguento.



*Nelma Lima
Marituba-PA*

MOTIVAÇÕES

Idas e vindas

Assim é a vida

Repleta de despedidas

Algumas é um até logo

Outras, é um até nunca mais.

Em algumas, deixa saudades

Foi bom te conhecer

Em outras, graças a Deus!

Feliz por não mais te ver...

Entre planos, projetos e sonhos

Despedidas são necessárias
É seguir de onde não se está bem
É ir para onde lhe queiram bem...
E lhe façam o bem!

Competições e rivalidades
São sempre desnecessárias
Geram tristes cenas e inesperadas
Emoções
Marcam na alma e machucam
Mas, também são motivações

Para compreender corações
Pois, algumas pessoas e lugares não mudam

É necessário ter coragem
Para conseguir encontrar
Lugares melhores
Pessoas melhores
Afetos que vão a alma curar

Orar, seguir e em Deus confiar.

É ter fé no futuro

Sem deixar de aproveitar

O encanto da viagem!



*Ozileia Damacena Simão
João Lisboa - MA*

RAIZ

Sou raiz, fincada no solo.
As vezes tão grudenta,
E outras tão solta como o vento.
Mas sou raiz fincada no solo.
Solo de dores, de solidão, de rejeição,
Mas sigo acreditando a cada dia,
Pois sou raiz, de um solo firme.
Eu escolhi o caminho do amor,
Mesmo que venhas angústias ou decepções,
Escolhi ser entrega, com verdade.
No meu caminho a minha forma de ser
Aprofundar o bem sem rejeitar ninguém.
Carregando um mundo de intenções boas,

Abraço inteiro, sorriso verdadeiro.
Sou raiz, tenho que estrar bem profunda,
Em cada ação minha,
Acredito na união, mesmo que venha ingratidão.
Sou raiz e quero viver assim.
Compreendo que as palavras têm força,
Mas ações são de quem tem coragem.
Porque dentro de mim as cicatrizes só eu conheço.
Os meus sentimentos ninguém pode julgar.
E descobrir como raiz,
Que ao passar por mim,
Algumas pessoas deixam alegrias
Outras deixam lições doloridas,
E alguns deixam lembranças maravilhosas.
Tudo isso me ensina a cada instante,
Que as tempestades podem destruir.
Porém resolvi ficar acolhida pela brisa,
Abraçando cada luz em minha direção.
Trazendo leveza para que minha vida,
Construa sonhos de admiração e lealdade.

Assim não tenho medo da guerra,
Seleciono as batalhas pelas quais valerá a pena lutar
Porque a minha vida é provisória.
E quero uma história de luta deixar,
E vivo correndo o risco de fracassar,
Mas é melhor confiar e não desistir.
Sempre haverá reviravoltas inesperadas.
Mas em cada surpresa há algo valioso,
Aceitar o inesperado faz parte da jornada.
E isso m faz seguir em frente. Raiz eu sou!



Patrícia Rodrigues Rocha
Nova Iguaçu - RJ

BENÇÃOS E DESAFIOS DA MATERNIDADE

Sempre tive respeito e admiração pela minha mãe, mas não pensava ser uma. Como professora desde os dezenove anos, me considerava mãe, ensinando e educando como um familiar bem próximo aos muitos alunos que passaram por mim.

Quis Jesus que ser mãe fizesse parte da minha vida, me presenteando com meu sobrinho, que despertou a mãe que sou hoje. Temos uma forte conexão e, desde o parto, sempre estamos juntos. As preocupações com sua saúde e escola, as brincadeiras e os passeios que sempre fazemos só acenderam o desejo de ter um bebê.

Brilhavam as estrelas todas às vezes que solicitava incansavelmente a Deus a maternidade. No entanto, não posso deixar de relatar o quanto a maternidade tardia traz consequências. A reprodução assistida traz esperança para as tentantes, mas, simultaneamente, nos revela o quanto não podemos deixar o tempo passar.

Passei pelo processo de fertilização in vitro (FIV). Jesus e a ciência me presentearam com um casal de anjinhos e muitas alegrias trouxe ao meu coração, mas eles ficaram em minha família pouco tempo, nos fortalecendo na busca de outro anjinho.

Eis que veio nosso arco-íris, também pelo processo de FIV, colorindo o trilhar da mamãe e papai juntos na Terra. Foram três tentativas até que Ana Vitória, nossa maior conquista, viesse.

Nossos dias têm sido cansativos, mas repletos de bênçãos, prazeres e desafios. Constantemente, agradeço a Deus por essa realização e oro de coração pelas que já são mães no pensamento e nas orações.

Fico na torcida para essa mensagem tocar no coração de cada leitor que deseja ter uma criança em seus braços, desejando ainda mais que o desejo da maternidade ocorra mais cedo. Espero também que esse texto reforce as mensagens de outras mães, como eu, de maneira a estimular essa dádiva que é ser mãe.



*Paula Costa Ferreira
Niterói - RJ*

ÁGUA, TERRA, FOGO E ATMOSFERA

Assim que retornou de Marte, o astronauta percebeu o recrudescimento da opressão política e econômica em seu país. Viu o fogo devorando matas, gerando um calor inabitável. Se o fogo assolava florestas e consumia arranha-céus, ele assistia também ao mar invadir cidades e empurrar a população para o alto de montanhas, onde chovia devastadoramente. Seus pulmões, enfraquecidos pela atmosfera artificial, não mais absorviam oxigênio natural sem auxílio de cilindros, o que lhe dava a certeza de que em seu local de origem ele estava morrendo aos poucos. Em Marte já se considerava morto porque, há muito, seu entusiasmo

inicial ao ser transferido para lá havia se transformado na doença que os psiquiatras denominaram de *profunda depressão vermelha*.

Na Terra, ele constatou que desde que o ódio fora liberado nas redes sociais, já não era possível evitar o apedrejamento de palavras. E que os discursos dos dirigentes, em todas as nações terrestres, atestavam uma inconsequência generalizada, ao determinarem o rumo da vida no planeta por meio da moeda e da força bélica.

Deslocado da sociedade, o astronauta andava a esmo pelas ruas (com um cilindro de O₂ nas costas conectado à traqueia por tubos de silicone) quando vislumbrou um novo propósito para viver, juntando-se aos inúmeros desprotegidos e revoltados que conheceu em meio aos destroços de prédios caídos. Todos carregavam cartazes com protestos e lamentos de fome. Porém, o cartaz que ele rabiscou para si, com carvão num pedaço sujo de papelão, dizia: EU sou a nova era, sigam-me! @distopia.desgov.terra



*Paulo Henrique Godeso
Teresina - PI*

PAZ TRAIÇOEIRA

De todos os meus sonhos qu'inda tenho
é esperar para ver todos os homens
e mulheres se dando as mãos, que dormem
em sono mui profundo no momento.

A paz é traiçoeira e se abraçou
com muitas injustiças dominadas
por poder na ganância dispersada
e por falta de amor que sufocou.

todo grito de dor no coração.
Rumor de muita guerra motivada
por bastantes razões sem serventia.

Postura pueril na percepção
dos homens sem noção e comprovada
atuação de mente doentia.



*Paulo RT Borges
Rio de Janeiro - RJ*

DAQUI PRA FRENTE

Vou sair pela vida, fazer gente feliz
Ser a mão que afaga, a escuta, o ouvir
Tenho missão de vida, impensável renunciar
Minha condição humana impõe o ajudar

De meu pai, tanta saudade, desde cedo aprendi
Mais vale abraçar o bem, enquanto estiver aqui
E também que amar é melhor que ser amado
Tenho muito a fazer, deixar um legado

Meu amor, amada companhia de vida
A mais doce das flores, eh, mulher aguerrida
Presente em sonhos, em canteiros, um jardim
Te desejo, te quero, preciso até o fim.

E depois das cinzas ao vento, viver sem memória
Quero que cantem, festejem e contem histórias
De minha passagem fiquem alegres lembranças
Daquele que sempre volta em uma nova criança

Aquele infante, curioso aprendiz
Que do fundo de nós nos fazia feliz
Não se permita prendê-lo, eles ficam tão sós
Viva a criança em você, em mim, em nós
Os nós da vida, a vida de nós...



*Raquel Xavier da Rocha
Campo Bom - RS*

MULHERES NA LUTA

Dia 8 de março!! Dia reconhecido mundialmente pela LUTA feminina!!

LUTA das mulheres que no passado, não se calaram, mas lutaram por direitos e dignidade humana.

Há 108 anos atrás 90 mil mulheres russas protestaram por condições humanas de trabalho e de vida.

Em 1908, mulheres americanas fizeram uma grande greve reivindicando direitos trabalhistas básicos, direitos estes que só os homens tinham na época.

Lá em 1911 um incêndio aconteceu em uma fábrica, de uma cidade norte-americana, que matou 146 mulheres, sendo que muitas tinham apenas 14 anos de idade.

Esses acontecimentos levaram a criação do Dia Internacional da Mulher, oficializado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975.

A data simboliza a luta das mulheres por igualdade e contra preconceitos, no sentido de equiparar-se aos homens em todos os setores da sociedade.

Inicialmente, a data lembrava as lutas por justiça salarial, atualmente, a data simboliza a batalha das mulheres contra o machismo, a violência, o racismo, o feminicídio, as discriminações e o preconceito.

Que não nos esqueçamos das lutas passadas e que permaneçamos a lutar por uma sociedade que

NÃO mate as mulheres!!

8 de Março!! Dia mundial de celebrar a
revolução feminina!



*Rebeca Paschoal Nune
Rio de Janeiro - RJ*

O MANUSCRITO DA LIBERDADE

Era noite, o breu invadia o pequeno quarto da estalagem, como se fosse uma entidade mandada para sucumbir quaisquer resquícios de esperança. A chama da vela balançava com o vento e a pena corria sem parar sobre o papel.

O jovem escritor curvava-se sobre seus manuscritos com devoção e fúria, como se deles dependessem sua vida.

Sua mente divagava, eram muitas ideias que lhe corriam a mente. Ideias de um país onde seu povo pudesse andar e pensar livremente, onde quem ousa lutar pelos seus direitos não fosse punido com a prisão ou execução.

Não seriam os escritores sonhadores? Donos das letras e das utopias?

Mas ele queria ir além! Queria que suas ideias ganhassem vida. Queria escrever e viver livremente.

O mundo estava mudando e ele podia sentir em seu âmago. Era preciso dar um basta. A fome virara uma sombra destrutiva, devorando tudo por onde passava, a ignorância costurava os olhos do povo. Porém, ele podia ver e podia sentir.

E via seu povo morrer de fome, sentia a dor de perder seus companheiros e tinha medo. Tinha medo das suas ideias sucumbirem ao tempo, de suas palavras nunca serem lidas.

Sabia o que precisava fazer.

Então, pela manhã, ele se levanta, corre em direção as barricadas, os manuscritos em mãos. Coloca-se entre o povo e o exército real e grita:

— Viva a Revolução! Viva a liberdade!

Sua coragem convidou o povo a se unir a ele e, em uma só voz, entoavam a petição pedindo a queda

da monarquia, porém o som ensurcedor do canhão e dos mosquetes calaram o povo, há quem corresse para se proteger, há quem ficava pelo caminho.

Ele não se moveu, porque sabia que se fosse preso nunca mais sairia daquele lugar e suas ideias não seriam ouvidas.

Então, o rapaz de muitos sonhos, estava ali, de peito nu, esperando o pior.

Em suas mãos estavam os meios para mudar o caminho de todos, porque em suas mãos não havia um mosquete, mas uma arma mais eficaz, havia conhecimento e seria por ele que o povo encontraria o poder da mudança, a razão e a liberdade.

E em meio ao sangue quente que escorria pelo seu corpo, ele entoou pela última vez a sua voz.

“Aqui jaz um escritor, poeta e revolucionário!

Que minhas palavras toquem os homens para que mudem a si mesmos e ao povo, pois só seremos verdadeiramente livres se todos tivermos nossas

mentes libertas da opressão. Se formos fraternos!"



*Ricardo Coelho
Caraguatatuba - SP*

NOSSAS VIDAS

Tenho uma porção de coisas para te contar
Ainda sinto o beijo com sabor de mel
Adoro ao teu lado ver o azul do mar

Seguro ao teu lado
Dividi meu mundo com você

Meus dias de sol
As minhas cores
Meus momentos de alegria
Mas também as minhas tempestades
Meus dias cinzas
Minhas dores internas

Escalamos altas montanhas
Pois queríamos ver o mundo...
Mas tinha que ser lá de cima

Montamos um quebra cabeça complicado
Onde somente nós dois.... só nos dois
Conseguimos encontrar os encaixes
...e eles foram perfeitos
Não podemos recomeçar
Para viver tudo novamente
Mas podemos um dia finalizar a nossa história
Ali...
Sentados na beira do mar
Em um lindo entardecer
Velhinhos
E abraçados para o nosso último suspiro

TE AMO!!



*Ricardo Pegorini
Porto Alegre - RS*

A COR QUE FALTAVA

Sim. Existem os templos arrancados da pedra, bordados pelo inconsciente coletivo e contemplados pela parte da humanidade que não está no seu ciclo individual de conflitos. Mas lembremos, também, dos monumentos não físicos, erigidos pelos pensamentos decentes e só acessíveis à arqueologia das intenções humanas. Maurice atirou-se com pleno vigor na busca dos genes linguísticos dessa plataforma de entendimento. Seus olhos esquadriinharam avidamente os universos possíveis contidos nos excertos dos anciões e nas suas obliteradas recomendações.

Hangu, Cairo, Bombaim e Ancara

presenciaram involuntariamente a sua imensa capacidade de perseguição. A deformação exagerada dos traços de sua personalidade empurrou-o ao encontro dos apelos dionisíacos dos magos do velho mundo. Esquadrihou os mistérios hibernantes nos mosteiros, mapeou a estrutura dos contornos dos pilares babilônicos, instruiu-se com os fantasmas guardiões das bibliotecas alexandrinas, bateu-se em combate verbal contra os quarenta e sete capitães de um ermo jardim nas proximidades do Labirinto. Em Marselha, onde instalou o escritório central do seu empreendimento cabalístico, estudou a sintaxe contida na engenharia das catedrais europeias e aprendeu a reconstruir gramaticalmente as definições e os pentagramas arquitetônicos vandalizados pela noite dos séculos. Mas a Providência é uma entidade indomável e segue um traçado incapaz de se submeter unicamente aos nossos projetos. O Plano sofreu um desvio fundamental quando Maurice sonhou com o Enigma

Óbvio.

No enredo onírico, um cidadão da Saxônia, pálido e roído pelos germes da lepra, segurava com sua única mão a garganta de Maurice. Ele pensou, enquanto sonhava, que a culpa o estrangulava justificada na sua própria intransigência. Mas eis que, do ar que se extinguia dos seus pulmões, foi brotando uma gigantesca bolha de vidro, portando todas as cores do mundo. A bolha explodiu e seus pedaços ficaram grudados na parede, formando um imenso vitral.

Vitrais!

Maurice acordou tão impressionado e tão afoito por dominar tal linguagem que nem viu as marcas de dedos impressas em seu pescoço, refletidas no espelho do quarto. Então, foi numa madrugada de sexta para sábado que os fornos adquiriram um novo e fundamental sentido na existência do belga. Mais vinte anos escorreram pelas

artérias inquietas desse homem, decifrando as metáforas das cores, a lógica estrutural desse peculiar tipo de composição e o significado de uma arte atávica que escondia, entre outras coisas, os princípios éticos das relações humanas. Imergiu obstinadamente nessa semântica. Leu as esperanças de uma sabedoria pré-histórica, expressas na frequência da luz modificada pelo vidro. Percebeu que havia um jogo de elipses envolvido no mundo emaranhado das cores. Decodificou cada uma dessas elipses. Todas elas?

Não. Faltou uma.

Tangido pelo destino, Maurice ouve um suspiro familiar e levanta os olhos de um livro amarelado e comido pelas traças, deserdado numa banca de saldos da Feira do Livro de Porto Alegre. Subitamente, sente o ar evadir-se do peito e um nó gárdio formar-se na traqueia. Todos aqueles anos desgastados em sua alma inquieta despertam bruscamente com uma só aparição.

Natalie.

Na sua frente, olhando para ele. Os dois unidos por uma linha invisível, amarrada num universo de encantamento por saudades recíprocas. Maurice percebe, num violento *insight*, que investigou os tesouros epistemológicos dos antigos e performou obsessivamente os movimentos de sua vida numa única direção para fundi-los instantaneamente na praça de uma cidadezinha brasileira. Para compreendê-los na cor dos olhos de Natalie.

O chumbo finalmente transmuta-se em ouro.



*Rob Alme
Santana - BA*

A ODISSEIA DA LINGUAGEM A PALAVRA É QUASE UM SACRAMENTO

*“A linguagem nos livra da
mudez existencial, quando se
reconhece que as palavras não são
só fala, são também o silêncio
entre os significados.” (Alec
moura)*

Nada são senão barcos no véu,
Navegantes do invisível e do ar,
Guiados por faróis de luz do céu,
Quebrando o mais profundo silêncio.

Palavras - feitiços que abrem portais,
'Abracadabras' do tempo e do ser,
Chamas caladas, ritos ancestrais,
Que tocam a alma e a fazem renascer.
Elas dançam, cruzam além do espaço,
Ecoam no céu, mais perto do infinito,
Sussurram verdades em um tênuê desalinho ou
compasso.
Elas, as palavras, ultrapassam o humano e tocam o
divino.
São vestígios do amor e do grito,
Sentimentos que não só verbalizam,
Soneto das letras que viajam,
Uma tentativa de navegar o indizível.
Sombras sólidas a vagar no imenso,
Mistérios que o risco deixa escrito.
Como Platão, busco a luz na caverna com as palavras,
Como Nietzsche, danço no abismo do sentido.
Em Heráclito, tudo flui – verbo e silêncio.
Sigo com Heidegger, onde o ser é dito e escondido.

Por elas o silêncio se faz ausente,
O mundo ganha voz e razão.
Palavras, às vezes são flechas certeiras
Noutras são silêncios tão eloquentes
Que poderiam iluminar noites inteiras.
No sacramento da palavra
Dizer é mais do que falar: é existir.



*Rute Bragança
Rio de Janeiro - RJ*

SOBRE OS TRILHOS DE COLATINA A BELO HORIZONTE

Iniciaram a minha construção no final do século XIX da união entre dois estados. Empresários dessas cidades me financiaram, com objetivo de escoar a produção cafeeira do Vale do Rio Doce e transportar passageiros de um estado para o outro, mas mudanças ocorreram, passei a carregar minério de ferro, entre outras riquezas.

Contribui para o desenvolvimento desses estados e do país. Ajudei no desenvolvimento de muitos municípios mineiros e capixabas ao longo dos trilhos, mas dei ênfase a cidade de Governador Valadares e a minha linda Colatina.

Saio cedo sem medo, carrego milhares de pessoas por ano, passageiros trabalhadores e turistas.

No início, meus bancos eram de madeira, hoje todos os meus vagões são dotados de conforto, bancos acolchoados, música ambiente, filmes e internet para todos que passam por mim.

Quando estou sobre os trilhos, ofereço aos meus tripulantes, lindas paisagens como, as vegetações típicas de mata Atlântica e cerrado que em determinadas épocas do ano são agraciadas pelas florações de muitas árvores, como os Ipês, Quaresmeiras, Manacás e várias outras, deixando vislumbrar aos olhares dos meus passageiros, assim sigo, passo por pontes, rios, percorro uma grande extensão às margens do rio Doce até chegar a minha linda cidade capixaba com suas maravilhosas praias.

Sou bem eclético e acessível, entre os meus vagões ofereço aos meus convidados carros de classe econômica e executiva e um especial vagão para cadeirantes, sem esquecer do meu famoso vagão

lanchonete que oferece a todos o seu conforto; também não podendo esquecer do meu maravilhoso café capixaba com o meu cremoso pãozinho de queijo mineiro.

São anos de histórias, com muitas histórias que ouvi durante essas muitas décadas de ofício. Se acham que estou velho, cansado!? Enganam-se, estou novinho em folha, com toda potência, pois meu nome é resistência.

A minha missão é ligar esses dois estados, de grandes riquezas naturais. Minas principalmente com seu minério de ferro e o Espírito Santo com as suas lindas praias e montanhas diversas. Percorro 664km, são 12 horas de embarques e desembarques. Passo por municípios, cidades, distritos e comunidades. Saio e chego deixando e levando saudades, mas de Colatina e Itapina não posso esquecer.

Saudades é um dos sentimentos que mais carrego. Transporto amores, desamores, encontros,

desencontros, encantos e desencantos, assim sigo. Meus vagões estão sempre dotados de afetos, que estão presentes na vida de cada passageiro. São vidas preciosas que carrego com muito carinho. Todos os dias saio cedo para cumprir a minha missão, pois sou carregador de sentimentos.



*Sandra Porciuncula
Caçapava do Sul - RS*

SER OU NÃO SER

Sou-me.

Vivo-me.

Tateio-me.

Desencontro-me.

Refraciono-me.

E como trêmula folha
de outono,
meu coração despenca
espatifando secas veias
no chão.

Refaço-me.

Busco-me na ciência,
no sacro,
no medo do frio

e das coisas incertas.

Paraliso-me na origem.



*Sandra Vivoni
Rio de Janeiro - RJ*

LETRA QUE RELUZ

Como farol que brilha a noite
As letras substituem o som da fala.
Para alguns, símbolos gráficos
Para outros, em aproximação, com outras letras
Combinadas para formar palavras
Formam a expressão e comunicação
Muitas vezes, reprimidas e censuradas
Por pseudos democracias.
Como valor simbólico, servem de farol, para brilhar e
reluzir
Informações ao longo da história.
Cada uma com seu estilo próprio
Registra os acontecimentos, que fazem parte da

nossa história.

Oh, Farol! Que consome minhas energias, irradia a
sua luz

E propaga o bem, envolvendo ambientes e ações
Para o despertar de novas aspirações.



*Saulo Henrique da Silva Machado
Angra dos Reis - RJ*

ESPAÇO SIDERAL

Vasto, extenso, gigantesco talvez nenhuma dessas palavras realmente se encaixam numas das mais simples características do espaço, se realmente o conhecêssemos.

Estudiosos, cientistas e outros grupos sincronizados ainda nos dias atuais desde a antiguidade, ainda se dedicam uma boa parte de seu tempo, tentando entender, o que vemos com nossos olhos, mas não podemos tocar com nossas mãos.

Para o homem, isso é algo que lhe consome todos os dias porque de tudo que fora criado e também inventado o homem busca em seus conhecimentos uma forma moderna de dominar o mundo chegar, às

partes intocadas do planeta que alguns sonham em realizá-las.

O que dizer, das estrelas que brilham com luzes especiais que se bem observada se transforma em um verdadeiro jogo de luz, um arco-íris, que tal as nuvens que parecem inofensivos, quando brancas parecidas com algodão doce, desejada pelas crianças e também pelos adultos, mas quando escuras nos amedrontam com sua forma de escurecer o espaço trazendo tempestades que causam tragédias e abalam as estruturas do ser humano que amedrontado quase chora.

O vento, belo quando suave, nos refresca com sua brisa aconchegante fazendo de nos marionetes, quando bravo em tempestade, capaz de arrastar ate mesmo carros, árvores e outros objetos pesados quando esta em seu estado avassalador.

Enfim o que dizer de algo que não conhecemos ao certo, como deve ser comportar, os cometas que dão

volta ao planeta sendo visto pela humanidade alguns até mesmo de cem em cem anos que passam sobre a terra numa velocidade que mal conseguimos visualizar enxergando somente sua poeiras espaciais cósmicas.

Esse eu não queria nem comentar porque cá para nós, quando troveja, não tem homem valente que não teme, e nem cachorro bravo que não se esconde todos respeitam o trovão e uma das forças da natureza mas temida pela humanidade.

É tão belo, tão desejado o espaço sideral, mas tão longe muito misterioso só mesmo tempo. O que esconde o espaço, o que realmente existe lá, o que será de oculto que nossas autoridades depois de anos e mais anos de pesquisas nos esconde, porque nos sentimos suaves ao olhar para o céu, e parecemos hipnotizados e encantados com sua beleza que ao mesmo tempo nos esconde tantos mistérios.



*Shirley Garrido
Duque de Caxias - RJ*

AMIZADE

Um amigo nos conforta na solidão.

Nos revela verdades sobre nós mesmos.

Nós proporciona momentos de alegria e satisfação.

Nós acompanha em nossa conexão com o mundo.

Nós fortalece nos momentos difíceis.

Amigo cuida um do outro.

Para você amigo(a) que está lendo esse poema,

Quero te dizer o quanto sua amizade é especial.

É uma força transformadora!

Amizade é assim... Quando não fazemos questão de
nós mesmos,

Nos emprestamos para o outro.



*Suzane Lindoso
Piracicaba - SP*

UM VIÉS DE SOMBRA

Já me peguei pensando nas variadas fases da vida. Cheia de alegria e felicidade. Muita dor e silêncio. Trabalho, trabalho, trabalho. Saúde vertendo pelos poros. Imunidade no rés do chão. Um mosaico de sentimentos e sensações. Às vezes é tão profunda, que é vivida como se fosse a única.

Com essa profundidade de pré-sal, me vi mergulhada numa tristeza abismal. Ah, devia ser saudade de casa, do calor da terrinha do sol. A vida nem estava assim tão ruim, vá... Qual o outono que se aproximava, eu me sentia sombreada, com uma luz de penumbra, com folhas caindo.

Eram meados de março. O carnaval havia

ficado para trás. Segundo o dito popular, o Brasil já havia começado a funcionar. Menos eu.

Isso mesmo. A correria da vida nos leva, não poucas vezes, à sensação de máquinas. Eu não estava funcionando bem. Era uma quarta-feira e novamente não conseguira me levantar para ir trabalhar. Será que minha cama ganhara ímãs? Sair dela passara a ser um esforço sobre-humano.

O cotidiano e sua rotina ganhavam contornos pesados, exigiam um esforço nunca percebido. Tudo se tornara custoso, demandando uma energia enorme. Sensações novas, inusitadas, que traziam certa angústia. Lidar com adolescentes naquele momento me assustava. Eram barulhentos e agitados demais.

Comecei a esbarrar na palavra depressão. Um ou outro arriscava um palpite, sempre rebatido com minha percepção de que tudo não passava de uma grande tristeza, de saudade. O tempo insistia em passar. Minhas mudanças de humor e

comportamento já eram notadas por quem me cercava. Lá no longe havia uma luzinha pálida, um possível diagnóstico.

DEPRESSÃO. Palavra assustadora pela sua rispidez e dureza. Tem força em si, pois traz sons densos. Por eu ser, talvez geneticamente, bem humorada e espirituosa e sempre ter marcado meu trabalho pela facilidade de comunicação, foi muito difícil aceitar que poderia estar em depressão. Cria que apenas estivesse passando por uma fase de tristeza e solidão. Não deveria ser nada tão grave assim. Seria passageiro.

Mas com tantas faltas, tantas manhãs em que a cama me segurava... Na verdade eu necessitava, mais que urgente, de tratamento. Encarar a depressão como doença e não apenas como um estado de espírito foi de fundamental importância.

Uma nova pessoa surgia, a qual não reconhecia como sendo eu mesma. Que processo doloroso! Tive de encarar meu principal inimigo: o

perfeccionismo. Meus limites me impunham outro ritmo de vida, agora mais lento. Precisei diminuir minha carga de trabalho, iniciar uma atividade física regular, ser cuidadosa com a alimentação, o sono, o lazer e redimensionar minha vida espiritual.

Em algumas épocas — dias chuvosos, nublados — tudo ficava mais difícil, mais complicado. O esforço para me manter bem era redobrado. A tristeza e o desânimo, às vezes, se fizeram fortes. Sempre há aqueles que não sabem lidar conosco nestas situações; há ainda os que acham que tudo não passa da falta de fazer.

A impressão que muitas vezes pairou no ar foi a de que eu estava me dando ao luxo de ficar em depressão. Doeu profundamente quando fui obrigada a ouvir, em sussurro, de uma colega:

— Dá a ela um tanque cheio de roupa suja, pra ver se não sara na hora!

Muitas quartas-feiras se seguiram. Em algumas, consegui me levantar, em outras, não. Deus

enviou seus anjos que, humanamente, me acolheram e me encaminharam para o tratamento, o qual ultrapassou outros carnavais.

Passei a encarar minha vida como preciosa e única. Não mais devia me sentir como máquina. A passagem por aquele episódio depressivo me humanizou.

E a cama? Deixou de ser o refúgio imantado. Agora cumpre nada mais que suas prosaicas funções.



*Tati Tuxa
Montes Claros - MG*

REFÚGIO NOS LIVROS

Arthur era o filho caçula de um casal de analfabetos. Apesar de nunca terem estudado, porque, desde cedo, precisaram trabalhar para ajudar em casa, Ana e Moacir incentivavam, como podiam, os filhos a se dedicarem aos estudos.

Ela trabalhava como diarista e, a cada dia da semana, atendia a uma família diferente. O marido trabalhava como pintor e, graças aos anos de experiência e ao crescimento do mercado imobiliário, conseguia tirar uma boa renda ao final do mês. Contudo, mesmo somando os rendimentos dos dois, o valor não era suficiente para os filhos estudarem em escola particular.

Não tinham luxo em casa, mas o básico também não faltava. A escola era pública e no mesmo bairro em que moravam. Os filhos podiam ir e voltar a pé. Como quase não estavam em casa ao longo do dia, Ana e Moacir tinham que confiar que os filhos cumpririam suas obrigações escolares diariamente.

Arthur fazia a sua parte. Seus irmãos mais velhos, Joaquim e Murilo, nem tanto. Às vezes, matavam aula para ir jogar bola na praça. Outras, para ficarem conversando com as meninas no parque da cidade. Paquerando, diriam os pais se soubessem.

O caçula, porém, gostava de frequentar as aulas e aprender as lições passadas pelos professores. Sobretudo depois que aprendeu a ler!

A professora da época o presenteava com gibis usados e logo a leitura de Arthur estava fluente! Ele adorava ler aquelas histórias em quadrinhos e se divertia bastante com tantas aventuras ilustradas!

Com o passar do tempo, Arthur começou a pegar livros emprestados na biblioteca da escola. Para ele, ler era como viajar por diversos lugares e realidades, sem sair de casa; mas, ao mesmo tempo, esquecendo, ao menos durante o período da leitura, da sua difícil realidade.

Ao perceber o interesse do filho pela leitura, Ana começou a trazer livros doados por algumas de suas patroas, e Arthur festejava a cada novo livro que ganhava! Apesar de os livros serem usados, para ele, era sempre uma história novinha em folha!

E o menino foi se encantando, cada vez mais, pelos livros, pelas histórias e pelas palavras...

Quando chegou ao Ensino Médio, Arthur já sabia a profissão que queria seguir: seria professor de Literatura! Sonhava em ensinar aos seus futuros alunos o mesmo amor que sentia pelos livros e pela leitura!

Seus pais ficaram muito felizes e orgulhosos: teriam um filho professor! Seus irmãos não deram muita bola. Joaquim estava ocupado trabalhando. Moacir lhe havia arrumado um emprego como servente de pedreiro, já que o filho não demonstrara interesse em estudar.

Murilo, por sua vez, não queria saber nem de estudar nem de trabalhar. Só de namorar e ir a festas. Começava a dar trabalho para os pais. No sentido ruim da expressão mesmo.

Enquanto isso, Arthur seguia firme no seu propósito: passar no vestibular de Letras da universidade pública da sua cidade. Aquela não era simplesmente a sua melhor opção, e sim a sua única opção. Afinal, ele e sua família não tinham condições de arcar com seus estudos em uma faculdade particular ou mesmo em uma universidade pública em outra cidade.

Os livros, que haviam sido um refúgio para Arthur durante a infância e o início da adolescência,

seguiram sendo bons companheiros ao longo dos três anos do Ensino Médio. Arthur sempre estava com um livro na mão. Fosse um livro didático, para estudar. Fosse um livro literário, para descansar dos estudos.

O garoto sentia que, ao abrir um livro literário, era transportado para um outro mundo. Longe dos problemas cotidianos da sua família, como as dificuldades financeiras que enfrentavam e as confusões que o irmão arrumava... Quando terminava a leitura e voltava para a sua própria realidade, Arthur sentia-se mais motivado e determinado a mudar aquela situação de sua família para melhor.

E foi assim que os livros o ajudaram a ser aprovado no vestibular de Letras da universidade pública da sua cidade. Exatamente como ele sonhara!

Essa aprovação era apenas o início de mais um sonho, recheado de novos livros e novas histórias, a serem

lidas e contadas...



*Thais Faustino Bezerra
Mauriti - CE*

MEU FAROL

No silêncio do meu coração,
Teu amor brilha como farol,
Que abrilhanta meu coração.

Como farol de luz,
Tu iluminas meus dias
Com amor e proteção.

Tu és um farol que não se apaga na minha vida,
Mas és um farol de luz na escuridão,
Meu eterno farol, que de amor enche meus dias.



*Thiago Ramos
Paço do Lumiar - MA*

ESPINHOS

Me feri nos teus espinhos,
Por que em tuas flores tentei tocar,
Me feri na tua alma, tua alma me fez sangrar,
Nossos jardins se tocaram,
Nossas flores e nossas almas brotaram, entre
espinhos e Abrolhos se multiplicaram,
É loucura odiar o jardim por causa do espinho, foi
loucura as flores em nossas mãos murchar,
Fomos espinhos nesse jardim sem flores, fomos
almas sem cores,
Que como a timidez das copas, crescem sem se tocar,
Minhas mãos feridas, mesmo doidas, ainda buscam o
cheiro das rosas,
Pois a beleza frágil, tem no seu espinho ágil, a força

pra se proteger!

Nos teus caminhos, não quero ser espinho, se flor eu
não puder ser

ORGANIZADORAS



Andreia Marques é escritora, editora, filósofa, psicanalista e contadora de histórias. Membro Correspondente da AIAB (Academia Inclusiva de Autores Brasilienses) e Membro da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira), publicou dez livros, organizou e participou de diversas antologias.



Michelle Calado é Arteterapeuta Junguiana e Administradora de Empresas. Ama palavras e processos de transformação, acreditando que a escrita é um farol que acolhe, guia e ilumina. Na cocriação e organização da antologia Farol das Letras, viveu a alegria de unir vozes e sensibilidades que, juntas, brilham ainda mais. Esse projeto é tão especial que sentiu que também deveria contribuir para a obra com um texto de sua autoria, escrito especialmente para a antologia.



Ler é sempre uma aventura extraordinária!

Visite nosso site:
www.editorapanoplia.com.br



“Farol das Letras” é uma coletânea de vozes diversas que atravessam o Brasil e se encontram neste farol simbólico que ilumina a vastidão da escrita.

Com tema livre e espírito plural, esta obra reúne centenas de autores, todos guiados pela paixão pela palavra.

Aqui, cada escrito é um raio de luz. Unidos, transformam-se em um foco luminoso capaz de tocar a alma, alcançando gerações e atravessando distâncias, por mais longínquas que sejam. Porque quando um autor escreve, muitos se reconhecem. E quando muitos escrevem, o Brasil inteiro se ilumina.

ISBN 978-658398707-5



9 786583 987075

Panóplia

editorapanoplia.com.br